

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOÃO MATEUS LEAL

**“ALEGRIA EM NOME DA RAINHA E FOLIA EM NOME DE REI”: História,  
memória e sensibilidade na Folia de Reis de Santana do Piauí (1971 – 2007)**

PICOS, PI

2017

JOÃO MATEUS LEAL

**“ALEGRIA EM NOME DA RAINHA E FOLIA EM NOME DE REI”: História,  
memória e sensibilidade na Folia de Reis de Santana do Piauí (1971 – 2007)**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como parte das exigências do Curso de Licenciatura Plena em História, para a obtenção do Título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

PICOS, PI

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

**L435a** Leal, João Mateus

“Alegria em nome da rainha e folia em nome do Rei”:  
história, memória e sensibilidade na folia de Reis de Santana do  
Piauí (1971-2007) / João Mateus Leal – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (87 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em  
História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco de Brito

1.Reisado-Tradição-Memória. 2.Práticas Culturais.  
3.Cultura Popular-Santana do Piauí. I. Título.

**CDD 398.0981**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos três (03) dias do mês de março de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **João Mateus Leal** sob o título **“Alegria em nome da rainha e folia em nome de rei”: História, memória e sensibilidades na Folia de Reis de Santana do Piauí (1971-2007)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Examinador 1: Profª Ma. Ana Paula Cantelli Castro  
Examinador 2: Prof. Me. Luis Filipe Brandão de Souza

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 03 de março de 2017

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 1: Paula

Examinador (a) 2: Luis Filipe Brandão de Souza

Dedicado aos meus pais Ivane e Francisco, meu avô Mateus Pedro Leal, minha irmã Iolanda e demais familiares e a todos meus amigos e professores.

## AGRADECIMENTOS

*(...) que maravilha inconcebivelmente elevada é um amigo (...)*  
*Friedrich Nietzsche, Correspondência.*

Nesta caminhada acadêmica envolvendo a busca do conhecimento, pois penso, logo existo! Eu queria agradecer a uma série de pessoas que com seus carinhos e apoios solidificaram esse caminho, tornando possível essa jornada, e respectivamente, a produção desse trabalho. Eu queria agradecer em primeiro lugar a Deus pelo apoio e pela proteção e por sempre estar iluminando meu caminho, guiando meus passos; logo, com sua presença, posso dizer que minha vida é um palco iluminado, e que por ventura, todos os meus sonhos e objetivos se concretizam quando peço a sua ajuda e proteção.

Agradeço a toda minha família pelo apoio, especialmente a minha mãe Ivane, a meu Pai Francisco e minha irmã Iolanda, pois são as estruturas basilares da minha vida, e logo sei que sempre posso contar com eles, pois tenho a plena certeza de que sempre estarão comigo, me ajudando, me protegendo e sei que através dos seus carinhos e palavras de apoio me transformo sempre numa pessoa melhor. Sou grato a vocês por tudo, meus amores!

Nessa caminhada se sobressai também a importância fundamental que tiveram meus amigos Felipe Oliveira Leal, o qual considero como irmão; George Michael Rodrigues Cipriano e Gabriel Gonçalves de Carvalho, pois o que fiz não teria sido possível sem o apoio dessas pessoas. Todos, cada um a seu modo, ajudaram a fazer dos últimos anos um momento mais leve e especial em relação a minha vida acadêmica; por isso, obrigado a todos. Tenho o enorme prazer em chamá-los de meus amigos.

Queria agradecer também a todos os senhores reiseiros que ajudaram na produção desse trabalho, sendo eles os senhores Edmilson Antônio da Silva, conhecido como *Bié*; Manoel José da Rocha, conhecido como *Seu Neguim*; Mateus Rodrigues Leal, o *Seu Mateusim*; José Raimundo Bezerra, conhecido popularmente como *Seu Zé Brabo*; Antônio Araújo Feitosa e, de modo especial, eu queria agradecer ao senhor Mateus Pedro Leal, meu querido avô. A todas as pessoas que aqui foram citadas, obrigado pelas lindas história vida referentes aos reis e por toda a ajuda e carinho dados para a concretude desse trab: Por ajudarem voluntária ou involuntariamente, obrigado a todos de coração.

Gostaria de agradecer aos grandes mestres os quais tive a oportunidade de conhecer e conviver dentro da Universidade, sendo eles o meu orientador, professor e amigo Fabio Leonardo Castelo Branco Brito, grande incentivador, grande amigo, exemplo de ser humano, e a professora e amiga Ana Paula Cantelli Castro, pelo carinho e pela ajuda ofertada ao longo

da produção deste trabalho. Por isso, sou grato a vocês por tudo e que Deus os abençoe sempre!

*“Deus Quere, o homem sonha, a obra nasce!”*

*O infante, Fernando Pessoa*



## RESUMO

O presente trabalho propõe-se a analisar a cultura em Santana do Piauí, mais precisamente a Festa de Reisado, trazendo como retrospecto a festa desde o povoado Saco do Engano, espaço onde o ritual tinha todo o seu brilho, tinha todo o poder de atuação, até o momento em que o povoado se emancipa e se transforma na cidade de Santana do Piauí, onde tempos mais tarde a tradição reiseira começa a desaparecer, até que no ano de 2007 ela desaparece por completo. Portanto, o intuito desse trabalho está em entender os motivos que levaram ao desaparecimento dessa marca cultural, sendo a mesma um dos grandes símbolos da arte e da cultura santanense ao longo dos tempos. Nesse viés, focalizamos nossos olhares sobre duas vertentes: a de mostrar como era o reisado; as músicas que eram cantadas; os personagens que se apresentavam no ritual e toda a indumentária e histórias de vida relacionadas aos reis; ao mesmo tempo, pautamos nossa atenção sobre a problemática que leva ao seu desaparecimento no espaço em estudo. Nesse sentido, trabalhamos as memórias dos senhores que faziam a festa de reis, aguçando nossa atenção para as falas e os discursos relacionados com o sentimento de perda e de “morte” em relação à tradição.

**Palavras-Chave:** Reisado; Tradição; Práticas culturais; Saco do Engano; Cultura Popular; Memórias; Santana do Piauí.

## ABSTRACT

The present work proposes to analyze the culture in Santana do Piauí, more precisely the Reissue Feast, bringing as a retrospect the party from the village of Saco do Engano, this space where the ritual had all its brightness, had all the power of Until the moment when the town emancipates itself and becomes the city of Santana do Piauí, where times later the reissue tradition begins to disappear, until in the year of 2007 it disappears completely. Therefore, the purpose of this work is to understand the reasons that led to the disappearance of this cultural mark, being the same one of the great symbols of the art and the santanense culture throughout the times. In this bias, we focus our eyes on two aspects: to show how the Reissue was; The songs that were sung; The characters who presented themselves in the ritual and all the costumes and life stories related to the kings; At the same time, we focus our attention on the problem that leads to its disappearance in the space under study. In this sense, we worked the memories of the masters who performed the feast of kings, drawing our attention to the speeches and discourses related to the sense of loss and "death" in relation to tradition

**Keywords:** Reissue; Tradition; Cultural practices; Deceit Bag; Popular culture; Memories; Santana do Piauí.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Mapa territorial de Picos e seus respectivos desdobramentos territoriais. ....	24
Imagem 02: Depósito onde a prefeitura de Santana do Piauí guarda os materiais desnecessários.....	38
Imagem 03: Depósito de materiais desnecessário da prefeitura de Santana do Piauí. ....	39
Imagem4: Seu Neguim mostrando os personagens do Reis que conseguiu encontrar e que planeja consertá-los e dar-lhes vida novamente, no sentido da festa. ....	44
Imagem 05: Imagem Representando a Matança, que era o Reisado que finalizava o ciclo de festas de Reis no ano .....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1: “A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO”</b> .....	22
<b>CAPÍTULO 2: “DEUS VOS SALVE ESSE DEVOTO PELA ESMOLA EM VOSSO NOME.”</b> .....	36
2.1. OS PERSONAGENS .....	47
2.2. DO RITUAL À FESTA .....	59
<b>CAPÍTULO 3 – “SE É DE TERRA, QUE FIQUE NA AREIA”</b> .....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado a partir das reflexões presentes na disciplina de Memória e História. O tema é relevante pela possibilidade de entender como os moradores de Saco do Engano/PI viviam e de como os mesmos tinham seus costumes associados com suas crenças religiosas em meados da década de 1970 até 2007. Partiremos com nossa análise a partir das memórias dos participantes de uma festa popular (o reisado), buscando assim compreender e relacionar essa festa com o pagamento de promessas, divertimento, exaltação dos santos por meio de danças, compreendendo as transformações que fortaleceram cada vez mais a sua religiosidade, e de como esse movimento proporcionou uma ligação maior das pequenas comunidades próximas a Saco do Engano com a população local, objetivando a construção de uma história, observando uma identidade cultural que vai assim se transformando no povoado em questão e que se perde nas “teias do tempo” na medida em que a comunidade se emancipa e se transforma na cidade de Santana do Piauí, em 1992.

Até o ano de 2007, na cidade de Santana do Piauí, acontecia anualmente a festa de Reisado. “O reisado brasileiro” ou folia de Reis possui raízes na Península Ibérica e conforme Silva<sup>2</sup>, dentre outras manifestações religiosas, foi trazido pelos colonizadores portugueses e empregado pelos jesuítas sob a forma de canto, dança e representação no processo de catequese dos nativos e colonos. Uma tradição de raízes híbridas, a qual continua fortemente presente no País, especialmente nas zonas rurais, apresentando realidades diferentes em sua prática, caracterizada por constantes recriações diante dos mais diversos contextos.

É uma festa de caráter popular que se inicia no dia 25 de dezembro e vai até o dia 6 de janeiro, é uma forma de devoção associado ao episódio bíblico da visita dos três Reis Magos ao menino Jesus. Na Região Sudeste e Centro-Oeste essa manifestação pode ser vista na forma de Folia de Reis que se diferencia do reisado por apresentar a figura do palhaço, cuja performance individualizada inclui um texto falado.<sup>1</sup>

Saco do Engano é o nome do povoado que se formou ao redor da freguesia Nossa Senhora dos Remédios-Picos, e que a partir dos anos de 1992, segundo a lei nº4.477, de 29/04/1992<sup>2</sup>, se emancipa, transformando-se na cidade de Santana do Piauí. Nesse local, a festa tinha início no dia 06 de janeiro, estendendo-se até o mês de abril, momento em que era

---

<sup>1</sup> BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da performance ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina – Bahia). In: TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000. P. 25.

<sup>2</sup> VIEIRA, Irisvaldo de Carvalho. **O Piauí em Municípios, guia geográfico**. 1. Ed. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 2003.

realizado o ritual da matança<sup>3</sup>, quando chegava a Semana Santa. O reisado era chamado de matança; o mesmo tinha como características finalizar um ciclo de devoções e pagamentos de promessas que eram realizadas aos santos. Fazia-se da última festa uma grande despedida, com várias cantigas diferentes e com muito mais atrações, fazendo assim dessa noite de reisado a mais bonita e a mais esperada do ano, onde muitas pessoas, ao verem essa apresentação- principalmente os mais velhos, choravam emocionados, pois acreditavam que não estariam vivos para prestigiarem a festa no ano seguinte.

O reisado acontecia com mais frequência nos finais de semana, aos sábados e, esporadicamente, nas quartas-feiras, posto que houvesse muitos pedidos para o final de semana. A festa de reis acontecia no terreiro da casa escolhida pelo grupo para a realização da brincadeira. A família preparava o ambiente, colocando assentos no terreiro. Em frente as suas casas, os anfitriões ficavam sentados juntamente com os seus convidados. Os demais admiradores faziam um círculo ao redor das cadeiras para prestigiar a brincadeira. Como não havia energia elétrica, eram improvisadas lamparinas (velas de gás) e fogueiras. A partir da emancipação da cidade em 1992, a festa foi perdendo cada vez mais espaço, culminando com seu desaparecimento no ano de 2007, última apresentação do grupo reiseiro no solo santanense.

Sinto como um dever elaborar este trabalho, pois vejo essa manifestação cultural como uma herança imaterial deixada por minha família à Santana do Piauí, uma vez que, como neto de reiseiros, tenho profundo interesse em preservar o patrimônio imaterial, o legado intangível deixado por eles à cidade. Na medida em que a comunidade passa pelo período de emancipação e se torna cidade, com seu conjunto de transformações, influenciado pelo acelerado processo de urbanização, as tradições culturais começam a enfraquecer e desaparecer continuamente ao longo da passagem dos anos, ficando o espírito da festa somente na memória daqueles que sentiram e vivenciaram o reisado de forma intensa, pois, como resquícios da passagem do tempo, os reiseiros foram envelhecendo, ficando impossibilitados de apresentar o espetáculo, contribuindo assim para seu desaparecimento em virtude da falta de interesse dos jovens remanescentes em perpetuar o espetáculo.

Em virtude desse apontamento, pretendo, neste trabalho, problematizar e entender os motivos que levaram ao desaparecimento da festa que tanto serviu de elo para unir as pessoas de várias localidades e regiões com o povoado Saco do Engano, permitindo certa integração entre elas. Pretendo ainda mostrar como essa festa beneficiava a comunidade, pois, na

---

<sup>3</sup> Matança, Final da festa no mês de Abril.

mentalidade dos senhores reiseiros e demais pessoas, nesse tempo, duas coisas que mexiam com os ânimos das pessoas eram a política e a Festa de Reisado, mais especialmente o ritual reiseiro, uma vez que as pessoas que vinham de outras regiões contemplar o ritual gastavam seu dinheiro na comunidade, ajudando a incentivar o seu crescimento, ao mesmo tempo em que incentivava o trabalho dos reiseiros, ajudando na compra dos materiais para a confecção dos personagens, permitindo a apresentação da mesma perante os fiéis católicos e demais segmentos populacionais.

Vale ressaltar que o foco do presente trabalho não está na performance ou na Folia em si, mas em questionar a importância que teve esse ritual religioso para a comunidade Saco do Engano, e ao mesmo tempo tentar entender porque houve o desaparecimento desse ritual no contexto em que, sob os auspícios do processo de modernização, os símbolos projetados pelos novos tempos implicaram numa mudança constante de valores, ao passo que a comunidade se emancipa e vira Santana do Piauí, levando assim, tempos depois, ao desaparecimento da festa popular, revelando o descaso das populações remanescentes e das autoridades políticas para com o espetáculo. Em relação à falta de apoio dos representantes políticos da cidade naquele período, o senhor Mateus Pedro Leal enfatiza:

A festa de reisado serviu em primeiro lugar para unir todo mundo e o que eu achei pior foi que quando nós terminamos foi o ano que esse povo aí entraram com o prefeito (Valdenilson Dias Borges – PFL). Maria José pegou a brincadeira de nós, era a primeira Dama, aí nós fumo brincar, fazer o folclore, fumo fazer a brincadeira lá na quadra de Vicente, aí ela pegou o nome de nós tudinho, botou lá pra ficar apresentando todo ano. Que finalidade foi essa que ela pegou e fez foi acabar com tudo?! Nunca ninguém brincou mais! Ela pegou até o nome de nós, agora cumpadre Valdenor não era mais vivo, já tinha morrido, mas aí coloquei Antoin Augusto no lugar dele, deu pra passar, mas não era como o primeiro... ali era um grupo, se faltar o que a gente tem costume, o outro que entrar não vai fazer a mesma coisa, muito difícil.<sup>4</sup>

Dessa maneira, era necessário um apoio diferente das forças políticas municipais para incentivar e dar maior espaço para que o ritual nunca desaparecesse da cidade, fomentando projetos para que os jovens pudessem ser mais presentes perante a mesma, pois afinal de contas, a cidade cresceu e a festa desapareceu, sendo assim necessária a preservação do patrimônio cultural na cidade. Para entender os princípios dessa problemática, ao fazer o trabalho de campo, entrei em contato com a senhora Maria José Dias Leal, ex primeira-dama do município durante o governo de seu marido Valdenilson Dias Borges-PFL, para saber se a

---

<sup>4</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 10 de dezembro de 2015.

mesma tinha fotos e fontes relativas ao povoado Saco do Engano nos anos de 1970 e também sobre a última apresentação que foi feita pelo grupo reiseiro em 2007, ao qual ela tinha pedido os nomes dos componentes do grupo e os respectivos personagens do ritual para ficarem sob sua tutela e cuidados, no intuito de, anualmente, apresentar a festa e expor o trabalho do grupo.

Entrei em contato com ela três vezes—na ocasião, Maria José Leal havia dito que achava que teria algumas fotos do reisado-, fui até sua casa, no entanto, no dia da visita, a mesma não se encontrava. Liguei várias vezes até que em um determinado momento ela atendeu e falou para eu ir no outro dia bem cedo, só que no dia seguinte, a ex primeira-dama ligou dizendo que tinha olhado atenciosamente nos álbuns de foto do município e disse que não tinha nada decorrente ao reisado, sugerindo então que eu procurasse a primeira-dama do governo anterior para verificar se houvera a existência de tais fotos.

Mas, devido a minha correria em cumprir com as atividades impostas pelas disciplinas do curso de História, e estar constantemente a procura dos senhores reiseiros para fazer as entrevistas, logo, muitos desses senhores moram distantes uns dos outros, em lugares diferentes, em relação a essa falta de tempo, eu não fui atrás da senhora Inês de Sousa Moura Borges, Primeira Dama do Município no governo anterior perante a gestão de seu marido o senhor Deusimar Borges Leal, no período de 2000 a 2004, até porque essa senhora não se encontrava na cidade de Santana do Piauí, pois, sua residência fixa é na cidade de Picos-PI, portanto, devido a minha correria não tive tempo bastante para ir atrás da mesma a procura das fontes.

Mediante a escassez de fontes documentadas, busco compreender os discursos gerados pelos senhores que faziam o reisado no povoado sacoense e as mentalidades dos mesmos hoje, no atual espaço de Santana do Piauí, ao afirmarem que a festa de reisado desapareceu e no presente momento não tem como apresentar o ritual assim como era antes, uma vez que, mesmo se as gerações posteriores passassem a fazer a festa, não seria igual a de antes, culminando assim na sua “morte” perante a mentalidade dos reiseiros.

Portanto, quero compreender as falas por trás desses discursos de morte e desaparecimento do ritual e principalmente o discurso da inviabilização da mesma no contexto atual de Santana do Piauí e tentar chegar a conclusões relativas à perpetuação desses discursos perante os reiseiros e a população em geral, uma vez que muitos dos segmentos populacionais de Santana do Piauí partilham dessas falas para dizer que a festa teve o seu brilho no tempo em que a cidade ainda era o povoado Saco do Engano e que hoje a mesma



desapareceu e que, se a referida festa popular for refeita com os mais novos, não será como antes, por isso tratam o reisado como se morto, sem alternativa para ressuscitá-lo.

Para a elaboração deste trabalho, no tocante ao desaparecimento de um movimento cultural que se perde nas “teias do tempo”, revelando assim grande perda para a cidade, dialogamos com Pierre Ansart, no seu texto *História e Memória dos Ressentimentos*<sup>5</sup>. A partir desse texto, percebemos que o autor leva a reflexão sobre três conceitos básicos – Ressentimento, História e Memória –, sugerindo assim o estudo das relações tecidas entre eles. No que concerne ao trabalho desenvolvido, procuro entender como as pessoas participavam dessa festa no então povoado Saco do Engano, de que forma as mesmas percebiam a emergência da modernidade, na medida em que a festa de reisado desaparecia naquela que estava se tornando a cidade de Santana do Piauí.

Procuro perceber, nesse sentido, os ressentimentos gerados pela perda. Enquanto cidadão santanense, enfatizo que uma sociedade não pode deixar que suas marcas se apaguem nas “teias do tempo”, pois elas são parte do nosso ser histórico, e que demasiadamente um movimento cultural como esse não deveria ficar apenas nas memórias dos que sentiram e vivenciaram de modo intenso a festa, e sim que deveria ser perpassada para que futuras gerações possam sentir e interagir com a mesma.

É nesse emaranhado de transformações próprias ao processo de modernização que se acentuou na emergência do município de Santana do Piauí que é revelado todo um conjunto de mudanças, no meio político, econômico e cultural, culminando com o desaparecimento do ritual, que passamos a dialogar com Michel de Certeau, em seu texto *A Beleza do Morto*<sup>6</sup>. Nota-se, nesse texto, que o autor critica a noção de “Cultura popular morta” e que, as práticas culturais são invenções de uma elite que se propaga no poder e que, necessariamente, a “cultura popular” no discurso dessas elites apresenta-se como uma prática “morta”, habitando, assim, o passado com todo o seu aspecto voltado para a área de atuação.

Trata-se, portanto, de uma cultura enraizada no espaço rural, onde se localiza a figura do camponês ou sertanejo, aquele presente nas obras de Ariano Suassuna, ou seja, o sertanejo ligado aos sertões da caatinga, onde homem e natureza ainda não estavam separados; homens de vida simples, que tinham suas vidas governadas pelos insondáveis desígnios de Deus, que dava sentido às coisas, especialmente para o homem pobre do Sertão, ou para aquela “Aristocracia” que se mantinha no poder, um espaço que oscilava entre Deus e

---

<sup>5</sup> BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res) sentimento**: indagação sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>6</sup> CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

o Diabo, terra de homens que apesar de sofrerem os malogros, seja em virtude do espaço ou por negligência do governo para com os mesmos, tinham orgulho de serem sertanejos e amavam sua terra.

Como seu objeto histórico e sendo difícil de essa cultura se disseminar nas sociedades modernas, no tempo presente, porque a sua trajetória reivindica a restauração de uma vida provinciana, porque sua índole está no tempo pretérito, uma vez que a noção de “popular” pode ser compreendida como “Tudo aquilo que se produz, ou se conserva no povo, longe da influência dos centros urbanos”.

Nesse sentido, o desaparecimento das tradições culturais no presente vivido e o desejo de sua perpetuação pelas novas mentalidades que surgem revelam-se com o intento de mostrar que só damos atenção às práticas culturais quando elas já não existem mais, ou seja, quando estão mortas, momento no qual transformamos o espírito da mesma em poesias vivas. É como se quiséssemos retirar o “cadáver” de dentro do túmulo e darmos vida a ele e o apresentarmos novamente, o que não seria possível. Logo, o mesmo já se encontra enterrado nas tumbas do passado, em claro contraponto ao tempo presente, que surge com novas mentalidades, numa sociedade sobre a égide do progresso com suas novas modalidades de cultura.

Diante disso, observarmos que a festa de Reisado era um ritual apresentado em um tempo em que as pessoas tinham um ritmo de vida simples, embasados pelos ritmos da natureza, diferente em relação à lógica frenética das grandes cidades; lugar onde se sobressaía um estilo de vida provinciana, pois, em 1973, o povoado se constituía de poucas casas, ainda não havia ruas calçadas e as pessoas trabalhavam basicamente com a terra, seguindo sempre os ciclos da natureza, esperando sempre os bons invernos para poderem plantar e tirarem os gêneros alimentícios para sustentarem suas famílias. No povoado naquele período, no tocante às relações de trabalho, muitas famílias tidas como as mais pobres e necessitadas trabalhavam em troca de alimentos, ou seja, quando a situação apertava, vendiam sua força de trabalho para as famílias mais ricas e detentoras de terras em troca de alimentos como feijão, farinha, arroz, gêneros básicos para a alimentação naquele tempo. A fala do senhor Edimilson Antônio da Silva enfatiza tal afirmação, ao relatar que

Naquele tempo o pessoal era mais assim, tinha uns que era mais rigoroso, mais já tinha outros que já era mais chegado, tinha muitos que queriam fazer um pobre de escravo, era obrigado, nem que a gente, vamo dizer, não tinha nada sempre a trabalhar, a gente trabalhava um dia, ganhava uma coisinha, rapaz me arruma isso, só arrumava se trabalhasse um dia ou dois. Hoje em dia por que é que esses que tem dinheiro tão achando os presidentes mais

ruim é causa disso, os pobres não estão mais nas portas dele pedindo uma coisa e outra para trabalhar e hoje um presidente dá, vamo dizer, uma coisa, dá outra, mas os que tinham dinheiro antes acham os presidentes ruim por causa disso, aí o pobre não tá lá na porta dele batendo, pedindo um prato de feijão emprestado, de farinha, um dinheiro para ir trabalhar o dia emprestado. De premeira a gente ia, os pais de nós mesmos ia na casa desses Disidério, na casa desses Borges aí, dos Cassimiro...todo canto: “aí rapaz, me arruma um prato de feijão”, outra vez, “me arruma um dinheiro para comprar um quilo de arroz, de carne...” “não! eu arrumo para ir trabalhar mais eu tal dia!”. Era obrigado o cara tomar mesmo, aqui as coisas era assim antes.<sup>7</sup>

Nessa comunidade, a festa apresentava-se como um elo dos povos locais com demais pessoas de outras localidades que vinham prestigiá-la, gerando toda uma reciprocidade em nome dos santos louvados, pregados pelo Catolicismo, sendo eles São José, São Pedro, Santo Reis e demais Santos que, de acordo com a religiosidade popular, os protegiam das enfermidades e mandavam chuvas para as suas plantações, correspondendo assim num evento que, fora a política, reunia o maior número de pessoas e que, à medida que o tempo evolui, a cidade se emancipa com seu acelerado modo de vida implantado pelos modos de vida capitalista, outras mentalidades afloram, reportando assim que por mais que quiséssemos trazer a festa novamente com toda a beleza que seduzia pessoas daquela comunidade atrás, poderíamos até conseguir apresentar o ritual, mas nunca seria igual ao que foi apresentado perante aquela comunidade rural em um determinado tempo, pois, assim como o tempo muda as pessoas, é como se o novo não suportasse a presença do velho por perto.

Nesse contexto, dialogamos com Durval Muniz de Albuquerque Jr, na sua obra *A Invenção do Nordeste e outras artes*<sup>8</sup>. No estudo concernente a sua obra, averiguamos que a intitulação *A invenção do Nordeste* foi uma prática discursiva das elites locais que se mantinham no poder para demarcar uma Região que até meados da década de 1910 do século XX não existia geograficamente e que após a entrada em vigor do modo de produção capitalista no solo brasileiro, ao qual esse capitalismo ficou concentrado na Região Sudeste, mais particularmente São Paulo e Rio de Janeiro, criou-se toda uma região oposta aos sinais advindos pelo progresso. Nesse viés econômico e político, inventa-se a Região Nordeste como espaço do atraso econômico, do sol escaldante responsável pela melancolia e falta de aptidão do povo para o trabalho, criando assim o discurso dos nordestinos miseráveis, terra fadada ao sofrimento, espaço do coronel e seus jagunços e da beata fervorosa.

<sup>7</sup> SILVA, Edimilson Antônio d. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 30 de janeiro de 2016.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Nesse cenário, sempre narrado como sendo esquecido pelos poderes públicos, negligenciado pelas elites locais, criou-se o imaginário de um povo que, sofrendo as mazelas proporcionadas pelo aspecto ambiental da região, pela falta de investimentos perante as elites locais e o poder público, os sujeitos, munidos de sua religiosidade exacerbada, criam mecanismos para poder enfrentar as adversidades proporcionadas pelo meio, pelo descaso dos governantes, sendo, portanto, a cultura popular uma de suas “armas” contra as adversidades.

Ainda de acordo com Albuquerque Júnior, à medida que o Nordeste passa a receber esses conjuntos de transformações implicados pela modernidade, com seus avanços embutidos pelo progresso, as tradições culturais começam a desaparecer em virtude dos valores trazidos pelo capital que entra em vigor em seus meios, ficando, portanto, o espaço da saudade perante aqueles que viveram e sentiram intensamente as tradições que antes faziam parte de seu meio.

A Festa de Reisado, a exemplo disso, aparece como um ritual que, apesar de religioso em seu contexto, engloba toda uma situação enfrentada pelos referidos sujeitos e que apesar das circunstâncias serem difíceis, parecia representar todo um conjunto de união, toda uma resistência cultural frente às adversidades e toda uma arte desempenhada por um povo contra as dificuldades apresentadas pelo tempo. À medida que ocorre a emancipação, com seus novos conjuntos de valores, as pessoas vivendo em outro ritmo de vida olham o passado com saudade das tradições que se perderam no tempo, em virtude da modernidade.

Nesse entrecruzamento de informações, podemos dialogar também com a tese de Alarcon Agra do Ó<sup>9</sup>, intitulada *Velhices Imaginadas: Memória e Envelhecimento no Nordeste do Brasil (1935,1937,1945)*. No percurso do seu trabalho, o autor enfatiza que a modernização capitalista, com seu conjunto de transformações urbanas, teria feito sucumbir a figura representativa do velho na sociedade moderna, ao passo que sua representatividade, seu papel de atuação, estaria demasiadamente voltada para o passado. Em outras palavras, o autor pensa os discursos construídos no presente, discursos esses que trazem a perspectiva de que, nas sociedades tradicionais, o velho era respeitado, enquanto que o contrário se dava quando instaladas as regras de sociabilidade capitalista, urbanas e ditas “modernas”.

Nesse sentido, percebe-se então a capacidade do tempo de produzir fronteiras espaciais entre as pessoas e o espaço onde as mesmas atuam. Nesse seguimento de articular o tempo como provedor de fronteiras que dialogamos com Homi K.Bhabha na sua obra *O local da Cultura*, pois o mesmo, no contexto de sua obra, fala que “O imaginário da distância

---

<sup>9</sup> AGRA DO Ó, Alarcon. **Velhices imaginadas:** memórias e envelhecimento no nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945). Recife, 2008.

espacial --- viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos--- dá relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural”<sup>10</sup>. Diante desse argumento, podemos articular que a festa de reisado desempenhou um movimento artístico em grande magnitude devido trazer à tona as expressões de um povo que, munido pelo seu cotidiano local, pela sua adoração constante aos santos por suas interações com os povos locais, contribuíram assim para a vivificação e exaltação da mesma perante a comunidade local.

Ao passo que com a emancipação da cidade, com o desenrolar dos tempos, as mudanças econômicas e sociais projetaram uma sociedade mais individualista, mais egocêntrica, onde as pessoas cada vez mais criam amor excessivo ao bem próprio, sem consideração a os interesses alheios, uma sociedade desapegada dos valores tradicionais locais, mais atenta aos valores trazidos pela globalização reinante, levando ao estranhamento da prática reiseira pelas mentalidades do tempo presente e a admiração do ritual por aqueles que sentiram de modo intenso a festa em um determinado tempo, por isso o ritual no tempo presente, mesmo que fosse vivificado novamente, não desempenharia a mesma função que exerceu na comunidade outrora Saco do Engano, porque a sociedade é outra e as mentalidades também.

Para dar conta dessa discussão, o trabalho se encontra dividido em três capítulos. No primeiro, será empreendida, assim como propõe Michel Foucault<sup>11</sup>, uma leitura dispersiva dos começos da prática da Folia de Reis em Santana do Piauí. Caberão responder perguntas, tais como: Quais as condições históricas de existência no povoado Saco do Engano naquele momento, nos idos dos anos 1970? O que pensavam seus moradores? De que maneira a festa da Folia de Reis se integrava ao imaginário popular, bem como as vivências cotidianas desses sujeitos?

No segundo capítulo, será realizada uma descrição densa, à maneira de Clifford Geertz, da festa da Folia de Reis. A partir da etnografia de Geertz, que embasará a leitura de relatos orais, fotografias, cantigas, indumentárias, se produzirá uma análise de como se produzia a festa, quais as remetências religiosas (católicas e profanas) que constituíam essa prática social. Caberá responder a perguntas, tais como: Quais as questões de ordem ética e estética que atravessavam a festa? É possível perceber hibridismos culturais, identidades intervalares e outros elementos nessa manifestação?

---

<sup>10</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. P. 24.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

Por fim, o último capítulo tomará as questões anteriormente levantadas, promovendo uma leitura das sensibilidades – especialmente as saudades e ressentimentos dos santanenses – envolvidas no desaparecimento, ou como provavelmente pode ser vista na fala de alguns dos sujeitos da pesquisa, “deturpação” da prática. Caberá, portanto, ao historiador problematizar essa suposta deturpação, localizando-a como uma prática fadada à morte, em vista da própria transfiguração das condições de existência no Nordeste, no Brasil e no mundo, a partir da emergência da pós-modernidade.

## CAPÍTULO 1: “A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO”

Para podermos aprofundar nosso trabalho em relação à festa de reisado em Saco do Engano, é necessário primeiro entendermos as condições que levaram a existência do povoado, e para solidificarmos nossa pesquisa, nos reportaremos aos princípios da colonização do Brasil, pois a mesma projetou com um território sem leis e costumes próprios, o que contribuiu para que os povoados fossem formados ao longo dos sertões nordestinos.

Neste aspecto envolvendo o povoamento das terras que mais tarde viria a ser o Piauí, Luiz Mott, na sua obra *Fazendas de Gado do Piauí*<sup>12</sup>, enfatiza que esse território é descoberto por volta de 1674 e que foram as fazendas de gado que definiram a forma de ocupação do solo e a distribuição dos colonizadores ao longo do Sertão piauiense e que, diferente das demais capitanias, sua colonização partiu do interior do Rio São Francisco para o litoral. Foi no vale do rio Canindé que Domingos Afonso Sertão, considerado como descobridor destes sertões, funda várias fazendas de gado, sendo a mais importante a da aldeia de Cabrobró, que em 1712 é elevada à condição de vila, recebendo o nome de Mocha, sendo instalada somente em 1717, ocasião em que o governador do Maranhão envia muitas famílias para a nova povoação, inclusive um magote de 300 degredados, com a finalidade de promover o seu desenvolvimento.

Após a instalação da vila, em 1717, começou o processo de organização político-administrativa do espaço piauiense com uma única vila, denominada Vila da Mocha. A instalação dessa vila trouxe para o Piauí autoridades representantes do governo português que começaram a administrar esse espaço, diminuindo assim o poder dos fazendeiros. Em 1718 mais uma mudança acontece referente à elevação do Piauí à categoria de capitania independente. No entanto, só em 1759 tomou posse o primeiro Governador do Piauí, o português João Pereira Caldas. A instalação do governo trouxe mudanças significativas para a sociedade piauiense referentes à reorganização político-administrativa do espaço da Capitania, elevando a vila da Mocha à categoria de cidade e capital da Capitania em 1759, recebendo o nome de Oeiras do Piauí.

Diante deste aspecto, podemos enfatizar que o Piauí funcionou como um corredor de imigrantes portugueses, escravos trazidos para trabalharem nas fazendas de gado- apesar de esta não ter sido uma força muito utilizada devido à atividade não exigir muitos “braços” para

---

<sup>12</sup> MOTT, Luiz R.B. **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

a criação de gado-, dentre outros, onde damos maior ênfase à figura do vaqueiro, elemento singular da colonização das terras sertanejas. No entanto, a participação do negro no território piauiense como resquícios da força colonizadora que se apossou sobre o Brasil, como também a atividade de caça aos índios nos revela diversos confrontos com os colonizadores que, quando dizimavam determinada tribo, instalavam fazendas na região com respaldo a seu povoamento e criação de vilas e demais povos que atravessavam por essa região com destino à província do Maranhão e a Capital da Província piauiense, Oeiras. Essas andanças pelo território piauiense fizeram com que a atual cidade de Picos se tornasse um polo de encontros entre a capital Oeiras e as províncias vicinais, fazendo com que surgissem vários povoados aos arredores da Freguesia Nossa Senhora dos Remédios (atual Picos), título dado pelo seu desmembramento decretado por lei em 1851.

Pessoas de espírito aventureiro que sonhavam em conseguir terras para trabalhar começaram a vir de diversas regiões do Brasil, contribuindo para a formação dos povoados aos arredores da Freguesia, pois a mesma tinha o rio Guaribas a sua disposição. Facilitando as práticas agrícolas a sua volta, os povoados começam a se desenvolver às margens do rio Guaribas, o que contribuiu para que os diversos municípios piauienses, inclusive as terras de Saco do Engano, desenvolvessem uma tradição agrícola com gêneros alimentícios como a mandioca, o milho, arroz e feijão e uma tradição religiosa devotada aos santos e às crendices portuguesas, como o São Gonçalo e a Folia de Reis.





Imagem 01: Mapa territorial de Picos e seus respectivos desdobramentos territoriais.

Basicamente, o povoado se desenvolve, nesses aspectos, como uma comunidade voltada para o trabalho com a terra, sinais de uma herança trazida e implantada pelos portugueses nas terras brasileiras, onde essa forma de trabalho perdurou até mais ou menos na segunda metade do século XX. A partir dos anos de 1970 com a intensificação do processo de industrialização no solo brasileiro a economia passa por mudanças significativas, culminando assim na criação de novas formas de trabalho gerando mudanças no contexto socioeconômico brasileiro, em relação a formação rural do Brasil, Luiz Mott assevera que

Toda estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos.... Os portugueses instauraram no Brasil uma civilização de raízes rurais. É efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da Colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia: as cidades são virtualmente, se não de fato simples dependência delas.<sup>13</sup>

Certamente, nem todas as propriedades rurais existentes no Piauí eram latifúndios. Haviam propriedades menos extensas, situadas geralmente nos brejos e terras mais úmidas, onde determinadas populações se dedicavam à economia de subsistência: plantavam milho, arroz, mandioca, utilizando-se da fertilidade das terras como uma de suas principais economias e renda, uma vez que, devido à natureza da região oferecendo obstáculos à implantação de uma agricultura abundante e duradoura, por ser muito seco no tempo do verão e não ter como regar, se sobressaía esse tipo de economia enraizada nos povoados em formação.

Restringindo-nos basicamente aos anos de 1970, percebemos a necessidade de fazer um retrocesso a períodos anteriores para compreender os motivos que levaram a festa de reisado a se apresentar como um ritual eloquente que pulsava em seus moradores. Procuramos entender como se constituía o povoado nas mentalidades das pessoas naquele período e compreender as condições históricas aos quais o mesmo se apresentava. Para isso, utilizamos fontes como relatos de um dos moradores e participantes da festa de reisado, sendo ele uma espécie de líder do grupo- reiseiro-, o senhor Mateus Pedro Leal e o livro *Santana Do Piauí, a Origem de meu povo* destinado a retratar a história do povoado.

Percebe-se, nessa viagem ao longo do tempo, que o povoado Saco do Engano, seguindo as estruturas das formas de povoamento no Piauí, se estabelece em proximidades de terras úmidas, se sobressaindo assim a condição de terrenos elevados, com vários morros onde estavam concentrados vários “olhos d’ água”, onde as pessoas foram construindo suas roças e

---

<sup>13</sup> Ibid. P. 53.

posteriormente se instalando nas localidades próximas. Era um povoado que sofria as mazelas do tempo, pois naquele período as dificuldades para os habitantes eram grandes, uma vez que, para se abastecerem de água, as mesmas tinham que sair de suas casas, ajeitavam os animais- mais intensamente os jumentos-, colocavam as ancas no animal e se dirigiam até o olho d'água chamado buriti, uma vez que naquela época não havia água encanada nas casas e as pessoas tinham que se deslocarem de madrugada para poder, tanto trazer a água como também lavarem as suas roupas lá, como está explícita na fala do senhor Mateus Pedro Leal:

Aqui antigamente era o “olho d'água”, lá em cima, e a gente ia com a carguinha de anca buscar água lá em riba, aí se juntava o pessoal daqui, lá de baixo, uns subia por aquele lado de Raimundo Vicente, subia outros por cá, era uns com cabaça, outros com latra, outros com anca e aí, de lá pra cá, foi o ano que passou a cidade, aí o vereador já puxou encanação de lá pra cá, mais aqui antigamente, quando era Saco do Engano, tinha uma feirazinha véa comum no centro mais arrudiado de buodega, mas todo tempo Saco do Engano e as fragilidades da roça, isso era direto, só que antes era mais do que hoje e hoje tá tudo mais fácil por causa das facilidades de arado, de trator, esse tipo de coisa melhorou a situação do trabalhador, mas tudo era difícil... de primeira a gente trabalhava, ganhava uma diária por um prato de feijão, porque não tinha solução nenhuma de outros lados.<sup>14</sup>

Ainda fazendo uma recapitulação sobre o povoado, aprofundamos o nosso olhar sobre os contextos políticos, econômicos e sociais aos quais o mesmo se apresentava. Dessa maneira, enfatizamos que o povoado no início era um local pequeno em que se sobressaíam as estruturas familiares de parentesco. As famílias eram poucas, com seus conjuntos de valores e percepção social. As distinções entre famílias envolvendo questões econômicas se constituíam em virtude de possessões de terra, pois havia as que possuíam mais terras; logo, eram vista como ricas. Apesar das distinções sociais, nesse ambiente as pessoas se tratavam com respeito e coesão social, conforme afirma o senhor Mateus Pedro Leal:

As pessoas daqui mesmas nascidas e criadas, aqui toda a vida foi praticamente um conjunto, nunca ninguém andava “aos detém”, com inronhas, intriga, com briga uns com os outros... as vezes tinha uma queixa assim, era mais respeitado as famias aqui era pouca era só a famia Ibilino, famia Borges e a famia Anicete, por isso, eu digo que, antigamente aqui era praticamente um conjunto porque tinha pouca gente tudo era unido ninguém nunca andava questionando por nada toda a vida foi um pessoal educado no ponto de respeitar uns à os outros.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

<sup>15</sup> Ibid.

Cabe ressaltar que, apesar da ideia de coesão social presente nas palavras do senhor Mateus, salientando o respeito iminente dessas pessoas umas com as outras, percebemos a existência de um problema que se fazia presente nesse povoado, envolvendo questão de preconceitos, uma vez que as famílias dessa comunidade, principalmente as que tinham mais condições- famílias, em geral, possuidoras de terras-, não aceitavam o casamento de suas filhas ou filhos com pessoas negras, sem falar as relações incômodas que tinham os ricos com os pobres, gerando assim o distanciamento entre ambos. Logo, naquele período, se uma pessoa negra comparecesse a uma festa de brancos, este era sempre visto com ironia, com descaso. Em relação aos casamentos, existia aquela rivalidade de famílias com classes sociais ou raciais distintas, por não aceitarem que suas filhas ou filhos casassem e se misturassem com pessoas de pele negra ou classe social inferior. No tocante a essas diferenças, o senhor Mateus Pedro Leal afirma:

Por causa disso, o meu casamento foi o maior furdunço! Minha família não queria que eu casasse com tua vó porque a família dela era de gente negra. Isso acabou, isso aí se chama rivalidade de uma família com outra porque não quer aquela cor, não quer aquela qualidade, não quer misturar. Outros diziam assim: “ei, fulano casou com fulano, agora a mosca caiu no leite porque a mosca é preta e o leite é branco, logo você vê a diferença”. Naquele tempo só tinha uma coisa que aqui nos começos era diferente, era esse tipo de coisa, coisa de branco com preto, tinha essas besteiras, hoje cadê? Misturou tudo, mas de primeira numa festa dançante um negro um moreno não entrava não “tu não cabe aqui não, aqui é só os brancos” hoje misturou dum tanto que os brancos tão procurando mais os morenos e os morenos sem querer os brancos, viu, os morenos tão querendo mais o lado moreno, por quê? Com pouca não vai dar certo o lar com os brancos.<sup>16</sup>

Pelo que se sabe, a prática de celebrar a festa de reisado já existia no povoado Saco do Engano anteriormente ao ano de 1973, a qual podemos enfatizar que os primeiros rituais envolvendo a festa de reis foram apresentados no povoado a partir de 1959 e 1960. Para chegar a essa conclusão, trabalhei com as entrevistas no processo de recuperação de memória sobre o início da festa no povoado, logo, seria pertinente saber quando começou essa festa, então como muitos senhores de outros grupos já faleceram, então entrevistei os líderes de dois grupos presentes no espaço santanense sendo eles, o senhor Mateus Pedro Leal, e o senhor Manoel José da Rocha, ou Nequim de Zé Vicente, devido as suas trajetórias e experiências com o reis foram unânimes em dizer que o reisado começou no povoado a partir dos anos de 1959 a 1960. Dessa forma, averiguamos que já existiam alguns grupos de senhores que desenvolviam o ritual no povoado de acordo com a chegada do dia de Reis, pois, como

---

<sup>16</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

resquícios de uma população fortemente atrelada à religião católica, o ritual já se apresentava perante os fiéis cristãos.

Diferentemente do reisado desempenhado pelo grupo do senhor Mateus Pedro Leal em 1973, com todo um conjunto de personagens e formas variadas, os reisados apresentados em distintos lugares do povoado diferenciavam-se do produzido pelo dito senhor, na vertente de se utilizarem poucos personagens, tais como o boi, a burrinha e se utilizarem a presença de uma dama para instigarem os senhores da casa, principalmente os mais velhos, utilizando-se de charadas e brincadeiras em relação ao mesmo para que ambos, tanto os personagens como as pessoas ao redor, pudessem dar risadas da situação cômica que envolvia o anfitrião da casa.

Nesse sentido, fazendo uma comparação entre os reisados desenvolvidos no povoado com suas indumentárias e formas de atuação no meio social, percebe-se que o reisado feito pelo senhor Mateus Pedro Leal, Valdenor Arsênio dos Santos e demais senhores, apesar de ser apenas um simples ritual festivo, atuou como elemento integrador e unificador entre as pessoas e as famílias em atritos do povoado. Nota-se, pois, um reisado mais inserido dentro de uma vertente social, um ritual que, ao longo do tempo, foi servindo para apaziguar os conflitos existentes no território, aproximando rico com pobre, branco com negro; uma festa que, apesar de ser apenas um entretenimento, insere-se dentro de um contexto religioso, político e social, derrubando barreiras e permitindo a integração de todos em seu espaço de atuação, o que percebemos muito explícito na fala do senhor Edimilson Antônio d Silva:

Era, oxente! Aqui rapaz cansou de ter festa bem aí e um moreno não podia entrar não! Esses Dias bem aí assim, vixe... era os pior má! Chegasse uma pessoa morena assim, ei, pra entrar... olhe lá! Não queria que entrasse não, ei os brancos, poderosos, como diz o ditado, se num tivesse dinheiro e fosse... ei, não entrava não! A partir do reisado foi mudando mais as convivências, já respeitava mais ou menos, o povo fora dando mais valor aos morenos, respeitando, e quando a gente chegava para fazer a brincadeira, todos recebiam bem nós e não tinham besteira.<sup>17</sup>

Em relação ao exposto acima, o Senhor Mateus Pedro Leal discorre que

Misturou dum tanto, que a brincadeira já era boa e com eles misturado aí foi que amiorou cada vez mais! Era separado, mas na hora da brincadeira tava todo mundo unido, todo mundo fazia de conta que era uma família só, aí nessas brincadeiras aí foi que afastou, acabou aquela rivalidade, aquela emoção besta, a festa foi um remedi, foi um remedi pra eles, pra quem queria ser muita coisa e no final, se fosse avaliar, os morenos tinham mais valor do que eles, né?! Por isso eu digo: óia, a brincadeira serviu de remedi pra esse

---

<sup>17</sup> SILVA, Edimilson Antônio d. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 30 de janeiro de 2016.

movimento que eles tinha; o remedi foi tão forte que controlou esse problema.<sup>18</sup>

Ainda referente à constituição do povoado sacoense e dando enfoque ao seu período de surgimento, analisamos os processos de povoamento do mesmo através do livro *Santana do Piauí, A Origem Do Meu Povo*, pois o livro é uma obra destinada ao povo de Santana do Piauí, feito exclusivamente por autores santanenses, como Arnaldo de Sousa Rocha, formado em letras pela Universidade Federal do Piauí; a senhora Maria de Sousa Rocha, professora aposentada do Estado do Piauí e formada em Magistério na escola Normal Oficial de Picos, e o senhor Manoel Antônio dos Santos, agricultor que, através de seus relatos, deu embasamento ao livro.

Ao fazermos as leituras minuciosas sobre o livro, percebemos que os autores fazem um marco cronológico referente às famílias que foram se estabelecendo na região. Os mesmos enfatizam as primeiras gerações que foram se concentrando no povoado e as demais que foram se instalando ao longo do tempo e que, através de união como casamentos entre respectivos membros da família e os povos vindos de fora, foram formando a base que se sucedia em outras gerações por meio dos casórios e assim, respectivamente, iam formando o cerne do povoamento no território, uma vez que a constituição do mesmo se formava através de famílias vindas de várias regiões do Brasil e afora, como por exemplo, as primeiras famílias que se estabeleceram no povoado Saco do Engano vieram do município de Canabrava. Fazendo um contraponto com a fala do senhor Mateus Pedro Leal sobre o povoado, o livro aprofunda mais sobre o povoamento, restringindo seus estudos e discursos a períodos bem mais recuados no tempo onde a história do povoado começa.

Segundo as memórias presentes no livro *Santana do Piauí, A Origem Do Meu Povo*, as primeiras famílias do município surgiram quando o senhor Leandro Rodrigues de Sousa veio das Barras, município da Canabrava e se estabelece no território, vindo a fazer moradia em uma serra que, devido ao seu formato, chamaram de Engano. O precursor dessa região veio com a sua família à procura de terras férteis que ficassem perto das águas para fazer as roças de plantio. Encontraram terras que ficavam entre morros e que existiam vários olhos d'água, fizeram suas roças e chamaram de saco, e como já possuíam moradia no Engano, mais tarde passaram a chamar o local de Saco do Engano. Nessa Região haviam muitas árvores conhecidas por cajazeiras; mais tarde, a referida família fez residência, por volta de 1860, nesse mesmo lugar.

---

<sup>18</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

Ainda em respaldo do livro às gerações seguintes, Romana Monteiro e esposo Ares Monteiro vieram de Portugal. Segundo o livro, está senhora era viúva e veio do Coroatá com seus filhos e com seu companheiro Ares Monteiro. Contam que ela era uma senhora rígida que criava muitos animais, gados, bodes, ovelhas, galinhas, porcos, tinha alguns escravos que cuidavam do serviço braçal. Um dia ela sentiu falta de parte de seu rebanho e castigou muito um escravo chamado Albano, que veio a falecer posteriormente. Foram enterrá-lo na cidade de Bocaina porque aqui não havia ainda um cemitério, mas no caminho as pessoas que o levavam cansaram, e, como estavam embriagados, disseram uns para os outros: “Vamos enterrar esse negro aqui”.<sup>19</sup>

Então entraram na mata, cavaram um buraco e sepultaram o negro, onde hoje é o cemitério atual, sendo o escravo a primeira pessoa a ser sepultada lá. Um dia descobriram a verdade: um dos genros da senhora havia carregado o rebanho e vendido em outra região; porém, já era tarde. Segundo o livro, essa senhora contribuiu muito para o povoado Saco do Engano, e da sua união com o respectivo companheiro, Ares Monteiro, foram surgindo os filhos que mais tarde aumentariam os índices populacionais no território.

Pelo que se percebe, o livro *Santana do Piauí, A Origem Do Meu Povo* traz uma sequência de famílias que, através das uniões conjuntas representadas pelos casamentos, e pelos nascimentos dos filhos iam sucedendo as gerações no local em estudo. Nota-se que os autores aguçam seus olhares a temporalidades bastante recuadas, como a conjuntura de 1860 para discorrerem sobre o povoado, mas utilizam conceitos referentes aos municípios para enfocarem os respectivos lugares de onde vinham esses aglomerados de pessoas. Com isso, percebemos mecanismos heterogêneos, pois 1860 se refere ainda ao período escravocrata no Brasil e o termo Município, em seu significado: “circunscrição administrativa autônoma do Estado, governada por um prefeito e uma câmara de vereadores; municipalidade”<sup>20</sup> é referente à parte republicana, com a formação do Federalismo e a constituição dos Estados, segundo o período republicano. Por isso, nota-se esse lapso temporal no livro com a utilização de conceitos inapropriados para as referentes épocas estudadas.

Evidenciamos a formação do povoado desde as primeiras gerações de famílias que se acentuaram na comunidade e que através das respectivas uniões foram culminando com o crescimento do povoado, sendo que, por meio desses laços, foram instalando suas culturas e modos de vida perante o território. Os trabalhos com a terra e a criação de animais foram

---

<sup>19</sup> SANTOS, M. A.; ROCHA, M. S.; ROCHA, A. S. **Santana do Piauí: A Origem do Meu Povo**. Santana do Piauí, 2012. P. 26.

<sup>20</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, P.476.

transmitindo seus valores e tradições às gerações seguintes que, como fruto desses legados, passaram a dinamizar seus modos de vida, seus conhecimentos e darem maior significado ao povoado até a sua emancipação, em 1992.

Restringimos nosso campo de estudo para os anos de 1970. Dessa forma, como herança desses primeiros povos que se estabelecem e transmitem de geração em geração os seus conhecimentos, notamos que as pessoas desse período trabalhavam o ano inteiro cuidando das plantações de milho, feijão, mandioca, cana de açúcar, algodão, carnaúba, buriti, além dos cuidados com a criação de gado, ovelhas, porcos, galinhas, tudo com maior dificuldade de água para os animais e o consumo humano. Com isso, a posse de um jumento, burro ou cavalo para o transporte de água do Buriti tornou-se obrigatório a todas as pessoas.

Os jumentos e cavalos, além da serventia citada, eram o único meio de transporte para o escoamento de toda a produção das serras e chapadas. As viagens de negócios para a venda da produção ou a serem trocadas por outros produtos que não eram produzidos no Saco do Engano, tais como o sal, temperos e o café também eram realizados por meio do transporte equino ou asinino. Os produtos eram negociados em Oeiras, Buritizal, Inhuma, São João do Piauí, Picos, Forte e também nas localidades vizinhas: Barros, Lagoa dos Marcelinos, Lagoa Seca, Engano, Queimada da Ema, Malhada Vermelha e Camarada.

Nesse viés, percebe-se que com o crescimento populacional do povoado Saco do Engano, vieram vários problemas sociais como a falta de água, de atendimento à saúde, à educação, à comunicação, à energia elétrica, dentre outras dificuldades. Esses motivos foram despertando o interesse de várias pessoas da localidade que se preocupavam com o futuro do povoado, uma vez que, devido à coesão das famílias por laços de amizade e respeito, existia uma tradição honrosa dos representantes nas lutas em defesa dos mais pobres, não por simplesmente serem mais humildes, mas pelo sangue, pois segundo as memórias presentes no livro, aqui as pessoas têm sobrenome diferentes, mas a família era uma só.

Apesar de o povoado sofrer as mazelas sociais, econômicas e políticas, isso nunca impediu a população de apresentar a festa de reisado no solo sacoense. Sempre munidos pela fé nos santos protetores, desempenharam o ritual no sentido de pedirem proteção aos mesmos, para que pudessem mandar chuvas para que o inverno fosse produtivo e as famílias pudessem tirar o seu sustento. Logo, quando o senhor da casa chamava o grupo reiseiro para fazer o ritual em sua residência, o mesmo preparava o terreno, que deveria ser um espaço sob o chão batido de areia para apresentação dos personagens, principalmente o boi, pois este necessitava de um bom terreno para que o senhor que representava o animal não se machucasse no momento em que ficava de joelhos para dar movimento ao personagem.

Outra razão para a exigência do chão batido de areia é que, segundo observações nos relatos dos entrevistados, averiguamos toda uma conexão mística no sentido de aproximar o homem com os elementos naturais para atrair coisas boas para o povoado, tais como uma boa colheita. A partir da emancipação da cidade e o seu processo de urbanização, os terreiros das casas foram transformados em ruas calçadas, o que se torna um dos argumentos contra a disseminação da festa no atual contexto da cidade. De acordo com o senhor Mateus Pedro Leal,

Todo mundo procurava chegar para assistir o reisado e achava bom, é tanto que até os de fora chamava a gente pra ir, que nem na Lagoa dos Félix, Atalho, Baixa do Maranhão, aqui no mucambo, tudo chamava a gente pra ir, mais quando as coisas se acaba, aí fica ruim. A gente fica na lembrança, no sentido, mais num tem mais, hoje se a gente quisesse num podia mais fazer porque os terreiros tudo calçados desse jeito não daria certo.<sup>21</sup>

A Folia de Reis, terno de reis ou simplesmente reisado, consiste em uma das manifestações populares brasileiras mais expressivas, apresentando variantes em todos os lugares e regiões. Conforme Cascudo<sup>22</sup> no seu *Dicionário do folclore brasileiro*, diz que Reisado é a *denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e Dia de Reis*. No Brasil é uma espécie de revista popular, recheada de histórias folclóricas, mas sua essência continua a mesma, com uma mistura de temas sacros e profanos. O reisado pode ser constituído apenas por cantoria ou possuir também um enredo, com pequenos atos encadeados ou não. As diferenças podem referir-se ainda aos elementos constitutivos, como enredo, personagens, músicas e indumentária, e às motivações que levam à sua prática. O Reisado apresenta diversas modalidades e é composto de várias partes: a *abertura* ou *abrição de porta*; *entrada*; *louvação ao Divino*; *chamadas do rei*; *peças de sala*; *danças*; *guerra*; *as sortes*; *encerramento da função*.

Ainda fazendo uma recapitulação entre os reisados, pois antes mesmo do ritual feito pelo senhor Mateus existiam, no povoado, vários outros reisados desenvolvidos por senhores de determinadas partes, sendo eles, existia o reis desenvolvido pelo senhor Neguim de Zé Vicente e o seu grupo, no Auto, centro do povoado, havia também o reis apresentado pelo grupo do senhor Antoninho (In Memoriam) mais o senhor Valdemar (In Memoriam) na Vargem, havia também o reis do senhor Manoel de Raimundo Vicente (In Memoriam) mais o senhor João Miguel (In Memoriam) na Cajazeira, e posteriormente em 1973 o reisado

<sup>21</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

<sup>22</sup> CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. **Dicionário do Folclore Brasileiro II**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1969.



desenvolvido pelo senhor Mateus Pedro Leal, e pelo senhor Edimilson Antônio D Silva, na Bomba.

Cada reis com suas características e peculiaridades próprias ao grupo que desenvolvia a festa, só que das tradições reiseiras apresentadas no povoado, o reisado desenvolvido pelo senhor Mateus Pedro Leal difere-se dos demais no sentido de inferir o grande poder apaziguador que o mesmo desempenhou no território naquele período, apresentando-se como um elo unificador entre famílias, aproximando os ditos ricos com os pobres, amenizando as barreiras impostas pelas questões étnicas- raciais. Nesse sentido, como enfatiza Cascudo(1969), “as constituições que levam a sua prática”, entenderemos como surgiu essa festa no povoado e os motivos que levaram a mesma a ser mais que um entretenimento e sim um elemento unificador que se insere dentro de vários contextos, seja ele religioso, social ou cultural.

Podemos afirmar que a festa de reis desenvolvida pelo grupo do senhor Mateus Pedro Leal teve início a partir de uma promessa feita pela senhora Hosana ao Santo Reis, em virtude de um acidente sofrido pelo referido senhor em São Paulo, no ano de 1971, onde o mesmo, ao procurar emprego, sofreu um atropelamento sério, ficando vários dias internado em estado grave no hospital. Muitos da família achavam que ele não escaparia. Ao voltar para o Piauí, com medo de não conseguir trabalhar para sustentar sua família, o senhor Mateus ficou desiludido e melancólico, pois possuía uma família com muitos filhos para cuidar e temia não conseguir mais colocar comida dentro de casa. Quando a senhora Hosana soube da situação, dirigiu-se à casa do amigo e o revelou sobre a promessa feita na ocasião do acidente. Sobre o episódio, o senhor Mateus Leal relata que

O reisado em Saco do engano já existia e eu brinquei apenas dois anos no reisado de Zé de Né antes de ir para São Paulo, mas o meu vem a se tornar possível em 1973, por causa de uma promessa que é feita por uma mulher que se chamava Hosana, onde eu, ao ir para São Paulo em busca de emprego, fui batido em 1971, ficando assim 33 dias no hospital e não conseguindo trabalhar. Após me recuperar, voltei para Saco do Engano, onde, ao chegar, Hosana foi a minha casa e me falou: “fiz uma promessa a Santo Reis para você pagar quando se recuperasse. Quero ver você brincando reis como eu tinha costume de ver”, ai eu disse: “mas que não teria como pagar essa promessa”, ai compadre Valdenor falou assim: “você vai pagar essa promessa mais eu”, ai nós mesmo foi que arrumamos as coisas e passamos a fazer a brincadeira.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal.** Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

Ao se observar o depoimento do senhor Mateus Pedro Leal, percebe-se que o mesmo aponta que a sua festa de reis teve início em 1973, como forma de pagamento de uma promessa feita pela senhora Hosana ao Santo Reis. De acordo com esse contexto e conforme Brantes,

O pagamento de uma promessa, baseado no compromisso de “acertar contas com o santo, se manifesta em ações cuja configuração performática supõe a presença do olhar deste. A atitude dos devotos na performance projeta suas ações no campo simbólico gerado pelas interações pessoais com o santo. “Nas ações canalizadas para esse “olhar divino” pode-se dizer que a espetacularidade do corpo instaura uma “esfera sagrada” que não se caracteriza pela exclusão da “esfera profana” como no catolicismo oficial baseado na oposição da oposição sagrado profano, mas “sacraliza” o espaço da força centrífuga do corpo que atua sob uma perspectiva divina<sup>24</sup>.

A partir desse episódio, o senhor Mateus, juntamente com o senhor Valdenor Arsênio dos Santos passaram a fazer a brincadeira todo ano decorrente ao dia 06 de janeiro, estendendo-se até o mês de abril, momento em que era realizado o ritual da matança. Essa última festa era realizada no terreiro da casa da mãe do senhor Valdenor; porém, não sabemos o motivo do encerramento da festa acontecer em sua residência. Uma das hipóteses aqui levantadas refere-se ao fato de a mesma ser a mãe do referido senhor Valdenor, ou como forma de selar a união entre as famílias dos dois brincantes, visto que estas, por muito tempo, possuíam desavenças pelo fato de a família do senhor Mateus não aceitar a união deste com a irmã do senhor Valdenor, por questões raciais.

Dessa forma, podemos pensar que a festa de reis promovida pelo senhor Mateus representava, além da lógica do evento, um momento de muita emoção para este, pois reafirmava a união entre as famílias que outrora estiveram distanciadas. Nas entrevistas feitas ao senhor Mateus, quando perguntamos o porquê da última festa ser na casa dessa senhora, este parava um pouco, como se estivesse refletindo, às vezes dava um sorriso. Pela sua expressão facial, era como se fosse um riso emocionado; as respostas eram sempre rápidas e sem muita argumentação. O entrevistado afirmava que a festa acontecia nesse espaço porque tinha um terreiro bom para os convidados; outras vezes, dizia a festa era lá porque “o povo gostava da gente, do nosso trabalho”. Contudo, acreditamos que existia uma causa maior para esse acontecimento. Quando o indagamos sobre isso, o mesmo se emocionava, dava risos curtos, como se tivesse alguma verdade a qual não pudesse ser mencionada, ficando apenas em sua memória e na do senhor Valdenor (In Memoriam).

---

<sup>24</sup> BRANTES, Eloísa. A Espetacularidade Da Performance Ritual no Reisado Do Mulungu (Chapada Diamantina - Bahia). In: TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34. 2000, P. 25.

Após a morte do senhor Valdenor, no dia 09/06/2004, populares fizeram uma grande homenagem a ele, reunindo todos os personagens do reisado e expondo na igreja local. Foi um dia triste e alegre ao mesmo tempo, a população compareceu em massa na igreja, tristes pela morte do senhor, e ao mesmo tempo alegres, pois, quando viam os frutos do seu trabalho, todos os personagens que o mesmo confeccionou ali, com respaldo de ser um extraordinário carpinteiro, as alegrias que o mesmo passava com as suas rimas, seus poemas, e seu xote, encantou a todos. Todos da cidade sentiram a perda daquele homem simples, de pele escura (e por que não dizer negra?). Aquele grande homem sempre teve orgulho de sua cor e de sua família.

Mesmo sofrendo a dor da perda de seu amigo, o senhor Mateus, juntamente com o senhor Edimilson Antônio d Silva continuaram com a festa, sempre pensando em seu amigo falecido, não queriam deixar a tradição acabar: continuaram a fazer o ritual, encantando todo mundo. A partir da morte do senhor Valdenor em diante, brincaram ainda três anos na já cidade de Santana do Piauí. Os organizadores do reisado colocaram alguns senhores para fazer o papel do senhor Valdenor, mas, segundo eles, não era a mesma coisa. O senhor Mateus Leal relembra:

Fizemos a brincadeira na quadra de Vicente, agora cumpadre Valdenor não era mais vivo não, já tinha morrido, mas aí coloquei Antoin Augusto no lugar dele, deu pra passar, mais não era como o primeiro, ali era um grupo: se faltar o que a gente tem costume, o outro que entrar não vai fazer a mesma, coisa muito difícil.<sup>25</sup>

A festa de reisado do grupo do senhor Mateus esteve presente desde 1973, no povoado Saco do Engano, e veio a acabar anos após a emancipação da cidade, no ano de 2007. Este foi o ano em que o grupo se apresentou no espaço reservado pelo senhor Vicente, na quadra, onde estava presente a primeira- dama, Maria José, que afirmou que apoiaria o grupo, mas que, no entanto, posteriormente a esse evento não houvera outras apresentações. Encerradas as manifestações do reisado na cidade, várias hipóteses em torno do seu desaparecimento foram lançadas ao longo do trabalho apresentado, cabe ao bom leitor tentar interpretá-las para se chegar ao cerne da problemática. Ao que se sabe, a festa exerceu grande influência no povoado e depois, na cidade. Ao todo foram 09 anos de reisado no solo santanense, contando povoado e cidade, assim como nos afirma o senhor Edimilson Antônio d Silva:

---

<sup>25</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal.** Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

Nós brinquemos 9 anos assim; entenda bem, era só na época do inverno. Nós só começava de dia de Reis para dia de ano, dia de ano para dia de Reis, a matança era só no sábado de aleluia direto, parte final, agora esses terreiros aqui quaiava de gente e amanhecia o dia. Os convidados vinha de fora, a gente fazia bolo, matava porco, galinha, fazia muito quebra-jejum de manhã, no domingo, tudo unido e contentes, nós sabíamos fazer a brincadeira, não é me gavalando, mais nós fazia bem.<sup>26</sup>

A brincadeira que acontecia no terreiro era uma forma de divertimento para as pessoas que brincavam e prestigiavam essa manifestação popular. Enfatizamos o grande espírito religioso que envolvia a festa e que penetrava nos espaços entre público e o particular em que a mesma passava, envolvendo desde o ritual de entrada, em que os reseiros visitam o dono da casa, até o final da brincadeira, onde o dono acreditava que sua casa ficaria imune aos males representados pelos espíritos malignos e lhes trariam boas colheitas. Por isso, a matança era a festa realizada com todo um carinho especial e espiritual.

---

<sup>26</sup> SILVA, Edimilson Antônio d. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 30 de janeiro de 2016.

## CAPÍTULO 2: “DEUS VOS SALVE ESSE DEVOTO PELA ESMOLA EM VOSSO NOME”

*Benedictus Dominus Deus Noster qui dedit nobis signum (Bendito Deus nosso senhor que nos deu o sinal).*

Para trabalharmos este capítulo, nada melhor do que começá-lo com uma mensagem do grande poeta e escritor português Fernando Pessoa. Logo no cerne de sua mensagem, o mesmo enfatiza que o entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para os símbolos.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe a interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada – todas elas privam o intérprete da primeira condição de interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo é tudo mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionando com vários outros símbolos, pois que, no fundo é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim, certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do superior Incógnito, falando a terceiros, que é o conhecimento e

Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo<sup>27</sup>.

Nesse aspecto, embasados pela mensagem de Fernando Pessoa sobre a simbologia e estimulado pelas ideias de resistência de cultura trabalhada na obra *O Drama em Si- Histórias e Memórias de Mulheres Dramistas nas Comunidades de Tucuns, Pindoguaba e Poço de Areias em Tianguá-Ceará*, de Marcio Araújo Pontes, onde o mesmo trabalha a festa das dramistas como conceito de resistência aos novos tempos é que baseamos a produção desse trabalho, trazendo como foco a problemática que gira em torno do desaparecimento da Festa de Reisado em Santana do Piauí e da resistência oferecida por alguns senhores que planejam trazer a festa novamente ao contexto atual.

Nesse sentido, para a produção deste capítulo, atraído pela curiosidade e o desejo insano de questionar as perdas das manifestações culturais que um dia esteve presente na cidade, bem como a resistência oferecida por um grupo de senhores que no atual momento deseja continuar a fazer a festa respeitando os costumes e as crenças da comunidade, comecei a colher informações e fazer as entrevistas. Logo, conversando com pessoas “comuns”, passei a ouvir suas histórias de vida, me dispondo a ouvir histórias de alegria e sofrimento, de saudades e angústias, envolvendo a festa de reisado de um passado carregado de lembranças e de um presente que ajuda a torná-las fortes e esperançosas.

No referente capítulo, realizamos uma descrição antropológica sobre a festa de reisado no povoado Saco do Engano, aguçando o nosso olhar para a emancipação da cidade, levando ao cerne de nossos estudos a problemática envolvendo o desaparecimento da festa, símbolo de uma cultura. Vale mencionar que o trabalho do historiador é estar em constante busca, estar rastreando pistas de seu objeto-problema em ação; para isso, é importante a união com outras áreas do conhecimento, onde recorreremos à Antropologia para a concretização do referido trabalho em ação.

É mister referir-se que meu encontro com a festa de reisado no presente momento, na cidade de Santana do Piauí, não foi um encontro muito especial, muito bom, em virtude de eu ter me deparado com os descasos que os políticos locais fizeram com a festa. O que me deixou mais perplexo foi o quanto a cultura foi negligenciada, foi marginalizada nessa cidade, pois, logo quando sai para fazer o trabalho de campo, caçando pista por pista onde encontrar os objetos da festa, principalmente o boi, objeto-base da pesquisa, para a minha surpresa, ele não se encontrava no local esperado.

---

<sup>27</sup> PESSOA, Fernando. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. P 68.

Primeiramente, o local onde o boi estava foge aos pressupostos prometidos pelos políticos, mais precisamente à figura da primeira dama do município, a senhora Maria José Dias Leal, no governo de seu marido, o prefeito Valdenilson Dias Borges, pelo partido PFL, que no tempo de seu mandato “2004 a 2008”<sup>28</sup>, em seus discursos, falou que queria preservar a festa, e que portanto pegaria todos os personagens do reisado para montar um espaço cultural para evidenciar o ritual brincante que esteve um dia atrelado ao povoado e depois à cidade. Porém, o local com que me deparei não foi bem um espaço cultural destinado à preservação da memória histórica e cultural do povoado, como podemos perceber nas imagens seguintes.



Imagem 02: Depósito onde a prefeitura de Santana do Piauí guarda os materiais desnecessários.  
FONTE: Arquivo pessoal de João Mateus Leal. Tirada em 06/05/2016.

Analisando a imagem, podemos perceber que o ambiente não se compara a um espaço cultural reservado a guardar as marcas de uma cultura feitas por pessoas comuns, mais com alma de artistas. Logo, notamos no referido espaço, geradores de energia elétrica que não funcionam mais; resto de tábuas; uma geladeira velha sem serventia; caixas de remédios

---

<sup>28</sup> SANTOS, M. A.; ROCHA, M. S.; ROCHA, A. S. **Santana do Piauí: A Origem do Meu Povo.** Santana do Piauí, 2012. P.122.

vazias, enfim, um espaço dominado por poeira e teias de aranha, além de um armário sem utilidade. Nos primeiros momentos em que estive no referido local para coletar fontes necessárias para a realização do trabalho da disciplina de Memória e História, me deparei com a figura do boi, utilizada nas festas de reisado, em cima deste armário, jogado de cabeça para baixo, cheio de poeira e teias de aranha, com deformas na pintura e parte do chifre estava danificada, provavelmente por cupins e pela ação do tempo, fato que demonstra um total descaso para com a cultura reiseira do povoado. Na mesma ocasião, procurei o restante dos personagens que compõem a manifestação popular; no entanto, elas não se encontravam naquele local.



Imagem 03: Depósito de materiais desnecessário da prefeitura de Santana do Piauí.

Fonte: Arquivo Pessoal de João Mateus Leal. Tirada em 06/05/2016.

Na imagem acima, podemos perceber que o local, além de apresentar muitos materiais desnecessários, como cadeiras quebradas e caixas de remédios secas e sem utilidade, ainda estava servindo como depósito de materiais utilizados pelos pedreiros e mestres de obras que trabalham para o município de Santana do Piauí. Na imagem, podemos perceber a presença de pás, marretas e um carrinho de mão utilizado para levar os materiais de



construção. Se olharmos detalhadamente, veremos os vasos de barro que antes eram utilizados para enfeitar os eventos das escolas locais e as feiras culturais da cidade, que hoje não existem mais.

As ferramentas para o manuseio dos pedreiros, tudo isso misturado neste depósito, juntamente com a figura do boi, considerado então como material desnecessário! Essa é a preocupação dos representantes políticos da cidade de Santana do Piauí? Falaram que iriam criar um espaço cultural para preservar a cultura da cidade e vemos o oposto, o descaso com a mesma. Na cidade, nenhuma Casa Cultural foi construída para resguardar a História local do povoado, ficando está perdida, na maioria das vezes, nas “teias do tempo”. É triste e lamentável; por isso, a pretensão deste trabalho tem o intuito de chamar a atenção dos políticos e da sociedade santanense para com o descaso com a cultura, além de propor iniciativas para solucionar este problema.

A partir do momento em que cheguei ao depósito, ao percorrê-lo, constatei que a figura do boi já não estava mais lá. Logo, fui tomado pelo sentimento de tristeza e falha comigo mesmo, por não conseguir preservar pelo menos aquele personagem. Há alguns dias antes da realização do trabalho de campo, eu estava estudando um livro cujo nome era *O casaco de Marx, roupas, memórias, dor*, obra escrita por Peter Stallybrass. A princípio, não pude entender o que o autor propunha em suas análises. Dentre as idas e vindas do Casaco de Marx, Stallybrass nos faz refletir sobre as complexas relações entre as coisas como objetos de uso, como objetos aos quais imprimimos nossas marcas, objetos que carregam nossa memória e as coisas como mercadorias, tais como a problemática abordada por Marx em *O capital*.

Eu ainda estava tomado pelo sentimento de tristeza e falha, para mim havia simplesmente um vazio, uma ausência e raiva, atribuída pela minha incapacidade de não ter feito nada para preservar a figura do boi. Comecei a refletir e buscar soluções para o problema, percebi que diante de minhas reflexões e de tanto pensar no reisado, no boi, ao qual não estava mais lá, senti como se o Santo Reis estivesse me guiando para alguma direção. Apesar de não fazer parte do grupo de reisado do seu Mateus, diante do meu esforço em trabalhar a festa e manter o legado cultural da minha família, abordando a temática neste trabalho, não precisei dos sete anos, que é o período mínimo para ser ter relações recíprocas de fé com o Santo, pois, neste mundo religioso, não se penetra por acaso. O folião se forma por tradição, mas antes de tudo era preciso crer que fosse escolhido pelas contingências divinas. Sendo assim, não pretendo ser leviano em achar que o Santo Reis está me guiando na produção deste trabalho.

A Folia de Reis encontra-se envolta em um clima de magia que a crença popular atribui aos Reis Magos: o poder de realizar milagres, mesmo não sendo reconhecidos pela Igreja Católica como Santos. No imaginário popular, os três Reis formam uma única divindade, muito poderosa, capaz tanto de derramar graças a seus devotos, como de castigar os que os menosprezam<sup>29</sup>.

Senti como se o Santo Reis estivesse me dando uma força, pois, através das reflexões, comecei a entender o que Peter Stallybrass queria dizer em seu livro *O Casaco de Marx, roupas, memórias, dor*. Dessa forma, à medida que comecei a pensar na figura do boi envolvendo a festa de reisado, fui habitado pela sua presença, fui tomado por ela! Isso me deu mais força para não desistir da pesquisa e seguir em frente, pois habitava em mim o sentimento de querer reviver a festa por meio deste trabalho e mostrar para a sociedade santanense o peso que a cultura tem num espaço. Tal sentimento me motivou a seguir em frente. Senti algo, como se os mortos quisessem se comunicar comigo, o que me levou à reflexão a fala de Peter Stallybrass:

“Mas para mim, elas são mais confortadoras que aterradoras, embora eu tivesse sentindo ambas as emoções, pois eu sempre quis ser tocado pelos mortos, eu sempre quis que eles me assombrassem eu tenho até mesmo a esperança de que eles se levantem e me habitem e eles literalmente nos habitam através dos hábitos que nos legam como diz Lear de forma desaprovadora, a respeito de sua própria mão: ela cheira a mortalidade é um cheiro que eu adoro”<sup>30</sup>

Diante disso, preocupado com o paradeiro do boi, uma vez que, a princípio, pensei que o mesmo havia sido jogado no caminhão do lixo, comecei a fazer buscas para saber onde o objeto estava. Primeiramente, procurei o senhor Adargio, vigilante sanitário que trabalhava para o Município, um homem responsável pelo depósito, pois antes, aquele espaço era reservado aos vigilantes sanitários para guardarem seus instrumentos de trabalho, e foi lá que encontrei o boi pela primeira vez.

Conversei com Adargio e ele me relatou que não sabia onde o objeto estava, me aconselhando a indagar ao mestre de obras, o senhor Gilson. Andei a cidade toda procurando esse senhor. Quando o encontrei, perguntei se o mesmo sabia onde estava o boi de madeira que anteriormente se encontrava no depósito, questionei se o objeto havia sido jogado no caminhão do lixo para desocupar o ambiente. No entanto, veio a surpresa: Gilson me

---

<sup>29</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. (Org.). **História e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia, 2003. P. 50.

<sup>30</sup> STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. P.10-11.

respondeu que não, e que um senhor havia pego o boi e tinha levado para sua casa, em virtude de querer ajeitar o personagem para fazer algumas apresentações.

Nesse momento, me emocionei ao saber que o boi ainda estava presente no espaço santanense, e que o mesmo não estava dentro de um caminhão de lixo, sendo levado para os mais inóspitos e insalubres lugares. Fiquei ainda mais contente em saber que através do esforço desse senhor, cujo nome é Manoel José da Rocha, mais conhecido como *Neguin de Zé Vicente*, havia pegado o personagem com o intuito de apresentar a festa novamente. Fiquei emocionado, e não me contive de alegria! Ao saber dessa informação, consegui o endereço desse senhor e fui logo atrás dele. Quando cheguei na sua residência e bati em sua porta, fui recepcionado pela sua esposa, que pediu que eu entrasse. O senhor Manoel estava num quartinho, mais ao fundo da casa. Ao adentrar o local, este estava ajeitando o boi, tirando a poeira e fazendo uma reforma no mesmo. Fiquei perplexo! Logo, abri um longo sorriso ao ver aquele personagem ali, o símbolo dos meus objetivos.

Quando cheguei, pedi para falar com ele, entrevistá-lo sobre a festa de reisado e saber o motivo pelo qual ele estaria ajeitando o boi- sem falar que ele havia conseguido encontrar as máscaras dos três caretas personagens do reisado. O senhor logo se emocionou, abriu um grande sorriso e me falou o motivo daquele trabalho. Enfatizou muitas coisas sobre o seu reisado e, em relação à reforma dos personagens, salientou que

Eu tô com esse trenzinho aí, quero arrumar de novo mais Antoin Augusto, só para nós ver, mais nós tem chamado, me chamaram para apresentar no São José, para Várzea do Engano, nós tem também. Ali para o Engano eu quero brincar no salão de Pedro, aqui em Santana e em outros lugares. Eu quero arrumar esses trenzinhos porque eu acho essa festa uma brincadeira muito boa, muito apreciável e importante para a cidade, sem falar que o povo gosta demais. Vamos trazê-la novamente.<sup>31</sup>

A partir da fala de *seu Neguin*, podemos perceber, em seu discurso, o grande envolvimento do mesmo com a festa e o seu empenho em reformar os personagens, em virtude de querer apresentar o ritual com todo o seu esplendor. É interessante salientarmos em sua fala, o grande entusiasmo em querer tirar a festa de seu “caixão”, visto que muitos apontam-na como uma prática morta. Ao vermos o empenho deste em querer apresentá-la em outros espaços, notamos todo um processo dinâmico envolvendo a cultura, uma vez que “não

---

<sup>31</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

se pode perder de vista que a cultura é dinâmica, não está parada no tempo, acompanha o ritmo da vida e suas variantes, enfrentando, portanto, todos os conflitos, avanços, retrocessos e contradições.”<sup>32</sup>

Nesse contexto, podemos notar a festa de reisado sendo utilizada como conceito de resistência para com os novos tempos, embasados pela modernidade, pois, além dos senhores que pretendem fazer a festa novamente, nas minhas andanças pela cidade na busca de entrevistas e fazendo uma busca mais detalhada sobre o peso que uma cultura exerce em um determinado espaço, cheguei até a praça da cidade, onde notei um pequeno grupo de jovens conversando sobre práticas culturais como política e futebol, tudo isso envolvendo o cenário santanense. Nesse momento chegou um senhor, seu nome era Flávio Leal da Rocha, que trabalha como vigia naquele espaço. Ao ver os jovens falando sobre esses assuntos, Flávio interpelou-os e começou a falar sobre o desaparecimento da festa de reisado. Notávamos, em seus discursos inflamados, a sua preocupação com o reisado e com alguns símbolos culturais da cidade. Sobre a festa de reisado, o senhor Flávio Rocha nos afirmou que

Disso aí, sobre o reisado, é uma coisa que vai acabar, ninguém não liga não, num pode! Isso aí era pra existir ainda, e aqui teve muito era quase direto, nos finais de semana. Tinha isso aí rapaz, o povo ia, eu digo porque ia mesmo para conhecer o que era, esse povo novo poucas pessoas que conhecem, era animado, eu fui muito! Eu acho que isso aí nunca teve depois que esses prefeitos tão aí, nunca botaram essas coisas aí, aqui era para ter, para incentivar a cultura que a cada dia se perde na cidade. O povo de hoje não sabe o que é reisado, falam que é uma coisa “brega”, e eu afirmo porque já ouvi gente falando assim! Aqui era para ter uma casa cultural, era até para ter uma matéria nas escolas, que falasse um pouco da história do lugar. Aqui num tem nada não. Aqui...vocês querem saber qual foi o prefeito que ainda mexeu um pouquinho com isso aí, com a cultura? Foi Deusimar. Não sei se vocês lembram, teve umas feiras culturais aí duas vezes e pronto! Era animado, mas acabou tudo as feiras culturais.<sup>33</sup>

É em meio a essas contradições, notamos o grande interesse de um grupo de senhores em querer preservar a festa e seus personagens na cidade, ao passo que os mesmos ainda planejam se apresentar em demasiados lugares. Nas entrevistas realizadas ao longo do trabalho, é nítida a intenção destes em querer trazer de volta aquele espírito aventureiro e não deixar que a festa morra. Apesar de serem senhores com idades bastante significativas, os mesmos ainda planejam fazer algo para trazer novamente a cultura que um dia esteve

---

<sup>32</sup> PONTES, Márcio de Araújo. **O Drama em Si**: histórias e memórias de mulheres dramatas nas comunidades de Tucuns, Pindoguaba e Poço de Areias em Tianguá-Ceará. Fortaleza: Secult, 2011. P.129.

<sup>33</sup> ROCHA, Flávio leal da. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 20 de junho de 2016.

enraizada em seus meios. Essa afirmação é endossada na fala de José Raimundo Bezerra, mais conhecido como *seu Zé Brabo*:

Neguim aqui e acolá vai brincar e me fala, mas nós tem que botar esse reis pra frente, aqui não tem outra diversão, né?! O cabra tem que mover essa tradição que tinha antigamente, que era bom e nós era sempre bem acompanhado. Nosso reis era bem falado, aí eu tô esperando surgir qualquer hora brincarem aí pra eu dar uma brincada. Já tô velho, não posso mais pular, mais faço *mendo* umas imitação.<sup>34</sup>



Imagem4: Seu Neguim mostrando os personagens do Reis que conseguiu encontrar e que planeja consertá-los e dar-lhes vida novamente, no sentido da festa. Fonte: Arquivo pessoal de João Mateus Leal.

Nesta imagem, vemos o seu Manoel José da Rocha, o *seu Neguim*, mais propriamente como é conhecido na cidade. Na ocasião da foto, eu estava realizando o trabalho de campo na casa do *seu Neguim*. Este estava em seu pequeno quartinho, ajeitando os

<sup>34</sup> BEZERRA, José Raimundo. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 13 de maio de 2016.

personagens. É interessante enfatizarmos a felicidade que o mesmo estava em ter recuperado aqueles personagens. Notamos, pela imagem, que o senhor estava bem à vontade em sua casa; logo, ele me falou que gosta de trabalhar em sua casa daquele jeito, se sente mais à vontade e, em se tratando do reisado, para ele, aí é que a coisa fica melhor.

“A história falada constitui um fio de Ariadne muito frágil para reconstituir os corredores obscuros do labirinto do tempo. Seus guardiões são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura, rotulados às vezes de teimosos e meticulosos acentrais em potencial... são como as derradeiras ilhotas de uma paisagem outrora imponente, ligada em todos os seus elementos por uma ordem precisa e que hoje se apresenta erodida, cortada e devastada pelas ondas mordazes do “Modernismo”.<sup>35</sup>

Pela imagem em relação aos objetos, vemos nitidamente o boi, mais ao chão, e duas caretas em suas mãos, retratando a figura dos Reis Magos. Apesar de a imagem mostrar que os objetos estão em bom estado, *seu Neguim* revela que o pano que encobre o boi não está bom devido o mesmo passar muito tempo empoeirado naquele ambiente onde se encontrava, ou seja, no depósito da prefeitura. O senhor falou ainda que o pano que cobre o objeto estava cortado com alguns buraquinhos resultantes da ação de alguns animais, como as traças e os grilos.

Outra coisa que ele mencionou foi que uma das madeiras que compõe o esqueleto do personagem estava quebrada, sem falar de sua pintura, que estava sem brilho. A parte interna da orelha do boi estava um pouco deformada pela ação dos cupins. Em relação aos caretas, *seu Neguim* só havia encontrado duas das três máscaras utilizadas nas brincadeiras de Reis. O senhor nos relatou que aquelas duas caretas não estavam boas, e que irá pintá-las e decorá-las para deixá-las arrumadas novamente, e que ele mesmo irá confeccionar a outra máscara para compor o restante das caretas, além fazer o personagem da burrinha, também utilizada das brincadeiras.

Para situar o leitor no referente trabalho, faremos uma descrição densa, ao modelo proposto por Clifford Geertz (2008). Segundo o antropólogo, “o conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não

---

<sup>35</sup> KI-ZERBO, Joseph, 2. Ed. **História geral da África: Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO, 2010. p. 37-38.

como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”<sup>36</sup>.

Geertz destaca que o método adequado à análise interpretativa da Antropologia é a Descrição Densa. A importância da etnografia feita através desse método está em perceber as particularidades, ou as “miudezas” sobre determinada cultura ou objeto em estudo; através das seguintes características ela é interpretativa, o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o dito num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-la em formas pesquisáveis.

Ela é microscópica porque analisa profundamente a cultura, resquícios por resquícios, partes por partes, chegando a contextos mais amplos. Nesse sentido, podemos inferir que só podemos aprender os significados almejados tendo em vista as partes que compõem e englobam o todo.

Nesse aspecto, envolvendo a Descrição Densa, tomaremos como estudo a festa de Reisado em Saco do Engano até a sua emancipação, se tornando na cidade de Santana do Piauí. Mostraremos como eram feitos e como se compunham os personagens do ritual, bem como analisaremos as cantigas, ou as toadas, como os reiseiros assim as chamam. O modo e a ordem em que os personagens se apresentavam na Forma e Ponta-Forma no reisado na cidade, por ventura, trabalharemos incisivamente os personagens apresentados no reisado do senhor Mateus Pedro Leal e depois aprofundaremos nosso estudo sobre os personagens do reisado do seu Manoel José da Rocha, o *seu Neguim*, como é mais conhecido popularmente. Nesse sentido de compreender estas distintas práticas culturais, Maria Clara Tomaz nos adverte que

Parodiando Carpentier, acreditamos que para compreender as práticas culturais de um povo é preciso mergulhar de corpo e alma na fatalidade de suas crenças. O fantástico só pode ser invocado com fé. O caráter de magia e de evocação que caracterizam tais práticas encerram um profundo sentido ritual, em torno do qual emerge um processo iniciatório.<sup>37</sup>

A partir da brincadeira que acontecia no terreiro, a qual se configurava em uma forma de divertimento para as pessoas que brincavam e prestigiavam, podemos perceber o grande caráter religioso que envolvia a festa e que penetrava nos espaços entre público e o particular onde a mesma passava, envolvendo desde o ritual de Entrada, em que os reiseiros visitam o dono da casa, até o final da brincadeira, onde o dono acreditava que sua casa ficaria

---

<sup>36</sup> GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.P.4

<sup>37</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. (Org.). **História e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia, 2003. P.37.

imune aos males representados pelos espíritos malignos. Assim, Maria Clara Thomaz salienta:

“Contraopondo-se a outra festa, a da Paixão, de representação acentuadamente dramática, a Folia de Reis anuncia a vida, a alegria, a esperança, viajando de lugar a lugar. As pessoas vivem o júbilo pelo “verbo” que se fez carne. Os foliões acreditam ser necessário encenar essa passagem bíblica e como atores refazem o papel dos Reis Magos, “embaixadores da paz” homens de visão”, que guiados pela sabedoria de quem conhece os sinais anunciam um novo tempo. Recriar é uma forma de reaver, de crer que a promessa ainda se mantém de pé cantam saudando o evento.”<sup>38</sup>

## 2.1. OS PERSONAGENS

O Reisado tinha como principal ponto fazer uma ligação entre a religião e o entretenimento das pessoas, e isso acontecia por causa da grande criatividade apresentada pelos reiseiros da época em criar novos personagens para dar um tom cada vez mais belo, e buscar assim atrair tanto as pessoas da comunidade como as pessoas dos povoados vizinhos. Podemos notar tal aspecto no depoimento do senhor Mateus Pedro Leal:

A partir da observação que já havia sido feita dos outros reisados, ao qual tinham como personagens o boi e a burrinha, eu e meu compadre Valdenor, que tinha muita habilidade com marcenaria, conseguimos a mesma posição dos outros, ou até melhor: conseguimos também criar outros personagens, como o Jaraguá, os caretas e a Moreira, criando assim um Reisado que, como todo mundo dizia, muito melhor e muito mais bonito que os outros que já haviam sido feitos em Saco do Engano<sup>39</sup>.

Em vista do que foi apresentado pelo senhor Mateus, percebe-se que cada Reisado tinha seus personagens distintos e com características diferentes uns dos outros, só que o organizado por aquele senhor conseguiu atrair um olhar bem maior, tanto da população Sacoense quanto dos povoados vizinhos, por causa da sua grande criatividade em aprimorar os personagens que faziam parte do elenco do seu Reisado, como por exemplo a introdução de novos personagens que o mesmo havia criado com certa destreza.

O boi, na sua ornamentação, era um dos personagens mais belos do Reisado, devido sua forma de ser e no modo como o mesmo era produzido, sempre enfeitado com tecidos e cores realçando a sua beleza, atraindo assim os olhares das multidões, principalmente o das

---

<sup>38</sup> Ibid. P.37.

<sup>39</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.



moças. No local onde era feita a brincadeira, podemos notar, de forma sólida, essas afirmações no depoimento do senhor Mateus Pedro Leal:

Cada personagem tinha sua posição: o boi era composto por uma cabeça feita de uma furquia<sup>40</sup> de juazeiro<sup>41</sup>. Tinha gente que ficava doidinho<sup>42</sup> quando via o boi. Cumpade (Valdenor) fez o quadro, e eu mais Sinhô de Gertrudes (Francisco Nascimento) tiremos as varas de pau e fizemos as costelas bem maneirinhas, que passava em todo canto, tudo bem feitinho. As principais cantigas que entoavam o boi quando ele entrava na brincadeira eram Piabaê e Chita Fina, que era a mais cantada.

boi, boi, boi, vamo vadiar,  
boi chita fina, vamo vadiar,  
que remexe e sacode, vamo vadiar,  
o meu amor me dê licença, vamo vadiar,  
que penera e sacode, vamo vadiar,  
boi, boi, boi, vamo vadiar,  
boi chita fina, vamo vadiar.  
Só isso um diz e outro responde.<sup>43</sup>

A burrinha não era diferente dos outros personagens. A mesma era criada manualmente e com artifícios simples da marcenaria do senhor Valdenor, que introjetava uma grande beleza na sua aparência. Quando já estava produzida, sua principal finalidade era representada por uma venda entre o grupo de reiseiros e o amo da casa. Isso pode ser muito bem visto no depoimento do senhor Mateus Rodrigues Leal, conhecido popularmente como *Mateusinho de Rimbuca*, ao relatar como era realizada a confecção de seu personagem:

A burrinha era o seguinte: a gente fazia o arco dela bem feitinho, a gente deixava a cabeça com as ureinha de um lado e do outro e um aramezinho por dentro, aí quando a gente puxava, quebrava as zureia<sup>44</sup> pra trás e pra frente; aí a gente comprava os pano (Modesta) fazia as capas, ai ficava bem aprumadinho, do mesmo jeito do animal. As quilinas<sup>45</sup>, tudo bem direitinho, tudo bem pintadinho, tudo bonitinho.<sup>46</sup>

O Jaraguá era o personagem mais esperado por todos por causa da sua forma. Era também todo confeccionado com artifícios manuais e restos de um animal morto, onde, após a sua decomposição e dissecação, os senhores pegavam e levavam a cabeça do animal morto

---

<sup>40</sup> Pequena forca de três pontas, vara, pau ou tronco, utilizado na confecção da cabeça do boi.

<sup>41</sup> Arvore da caatinga com potencial medicinal.

<sup>42</sup> Impressionado, deslumbrado.

<sup>43</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

<sup>44</sup> Orelhas.

<sup>45</sup> Crinas de cavalo utilizados na confecção da burrinha.

<sup>46</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

para a marcenaria, onde entraria nos processos de limpeza. Após montarem o temível personagem, este acabara por instaurar um ar de medo e admiração em todo mundo que presenciava a brincadeira, principalmente nas crianças que se comportavam mal com seus pais ao longo do ano, visto que, quando os filhos desobedeciam, os pais ameaçavam: “olha o Jaraguá, olha o Jaraguá!”. Tal advertência fazia com que os filhos ficassem amedrontados e se comportassem perante os pais. Podemos assim notar como esse personagem era produzido, no relato que nos foi dado pelo seu Edmilson Antônio d Silva, conhecido popularmente como *Bié*.

O Jaraguá era simples, a gente caça a cabeça de um jumento seco, só a cabeça mesmo, que ali num quebra; aí nós cobria com um papel bem feito, deixava a roda dos zói<sup>47</sup>, e vestia a roupa da guela<sup>48</sup> para riba, que era vermelho, e pra baixo era branco. A boca grande, quando a gente puxava na corda que ela abria e marchava no rumo, menino nenhum chegava perto.<sup>49</sup>

Segundo o relato de um dos pesquisadores do trabalho realizado, João Mateus Leal, ao assistir a um Reisado do seu avô Mateus, afirmou este ser um dos maiores medos que ele já havia sofrido quando criança, pois quando começou a festa, todos estavam ansiosos por ver a figura do Jaraguá. Ao iniciar o Reisado, o personagem do referido animal nunca entrava pelo mesmo local dos outros personagens, buscando entrar num momento em que as pessoas que aguardavam a sua apresentação estivessem distraídas. O personagem gostava de assustar principalmente crianças que se comportavam mal com seus pais. Ao bater as imensas orelhas, fazia as crianças saírem correndo de medo para os braços dos pais.

Eu estava bem distraído, preparado para ver o Jaraguá, ansioso por sua entrada, e sempre com medo dele, não sabia por onde ele ia entrar, aí de repente senti algo detrás de mim, tocando meu ombro. Quando olhei, vi aquele bicho batendo as orelhas, abrindo e fechando a boca, do meu lado. Sai correndo em disparada, fui parar lá em casa [risos]<sup>50</sup>

Ao ler o relato do senhor Mateus sobre a figura do Jaraguá, podemos perceber que existia toda uma entoação que era feita na hora da entrada do tão esperado personagem misterioso. Vale mencionar que no Reisado do senhor Mateus Pedro Leal e seu grupo, cada um desempenhava um papel, pois na divisão dos papéis no Reis santanense, existiam a Forma e a Ponta-Forma. A Forma diz respeito aos personagens que se apresentavam, ou seja, os que

---

<sup>47</sup> Referente a olhos.

<sup>48</sup> Referente à garganta.

<sup>49</sup> SILVA, Edmilson Antônio d. **Entrevista concedida a João Mateus**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

<sup>50</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

dançavam. Na Ponta-Forma estavam os que somente cantavam e improvisavam os versos e as rimas, como por exemplo, os três caretas. Seus papéis eram somente cantar e improvisar para que o personagem da Forma pudesse dançar. Tal qual o exemplo na música *Jaraguá do meu Sertão*, enquanto o senhor Valdenor cantava, seu Mateus fazia a Forma, dançando caracterizado de Jaraguá. Vamos acompanhar a entoada cantada e emocionada pelo senhor Mateus, lembrando o seu falecido amigo Valdenor, que era o compositor da música.

Jaraguá...  
 Jaraguá do meu sertão...  
 Me dê licença, Jaraguá,  
 Aqui dentro do salão,

Jaraguá...  
 O meu amor me trai,  
 Jaraguá...  
 E agora, o que que eu faço?  
 Não posso ficar nessa solidão,  
 Preciso arranjar uma forma, pra acalmar meu coração.

Jaraguá...  
 Faço verso, sou poeta, não tiro do coração  
 A morena linda que roubou minha paixão...  
 Venho do Sertão, sou um trabalhador,  
 Quando falta comida e chuva, rogo a Deus, nosso senhor...

Jaraguá...  
 Peço proteção e chuva pra prantação,  
 Pranto milho, feijão e mandioca,  
 Minha sina é a roça...  
 Trabalho duro com distemor,  
 Di baixo do calor,

Jaraguá...  
 Enfrento o sol vermelho,  
 Como a brasa do mameleiro,  
 Mas tenho esperança de um dia as coisas mudar,  
 Pra que meu filho possa estudar,  
 Largar a enxada e se formar...

Jaraguá...  
 Por isso, rezo com atenção,  
 Faço verso com amor,  
 Sou nordestino sim, senhor,  
 Meu nome é Valdenor...  
 Sou poeta de coração,  
 Jaraguá do meu Sertão...<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

Ao analisarmos esta canção, é evidente a preocupação do artista em trabalhar incisivamente o Sertão. Logo, percebemos nos versos os elementos constituintes que compõem o meio sertanejo, principalmente no que diz respeito ao povoado Saco do Engano, atual Santana do Piauí, desde o simples amor pela sua terra, até os elementos que compõem a mesma, como o milho, o feijão e a mandioca, que são os cereais e a raiz mais produzidos em Saco do Engano, e que até hoje na cidade de Santana do Piauí é uma das principais fontes de renda do município. Ele enfatiza bem a sina representada na vida da roça, onde muitas famílias, no começo da cidade, sobreviviam do trabalho com a terra.

A terra era o principal meio de vida dessas famílias. Os agricultores trabalhavam debaixo do sol causticante, vermelho como a brasa do marmeleiro. É interessante esta comparação, pois o marmeleiro era uma das árvores mais utilizadas, na qual as famílias tiravam a sua madeira para fazerem lenhas para cozinhar seus alimentos. Ainda hoje, muitas famílias com o hábito de fazerem comidas em fogão de lenha utilizam essa madeira na cidade. Muitos senhores dizem que a mata santanense é uma das melhores para trabalhar com a matéria-prima para produzir carvão. A cidade comporta árvores como o angico, o pau d'arco, marmeleiro, pau ferro, o canela-de-velho, aroeira, etc.

Outro elemento que podemos destacar é que, na canção, ele trata o Jaraguá como se fosse um amigo, ou seja, fala dos seus sentimentos mais íntimos e puros, como a preocupação quando o seu amor lhe deixou e fala do amor que ele sentia pela morena linda que roubou sua paixão. Quando fiz a entrevista ao senhor Mateus Pedro Leal, ele me falou que na expressão “morena linda que roubou minha paixão”, o senhor Valdenor havia feito em homenagem ao seu irmão Agenor Arsênio dos Santos (in memoriam), pois, no tempo em que o povoado se chamava Saco do Engano, Agenor era apaixonado e tinha um caso com Noemi Alta de Jesus, uma mulher de família considerada rica naquele tempo, pois possuía muitas terras. Contudo, o pai da referida moça não queria saber dos dois juntos porque, segundo seu Mateus, ele era negro e também de família pobre e ela, uma moça de pele clara e família abastada.

Uma vez, os irmãos da moça pegaram o seu Agenor e a senhora Noemi escondidos, namorando, e falaram para o pai dela. Quando Noemi chegou em casa, levou uma surra muito grande, o que deixou-a muito triste. Tempos depois, o seu pai a mandou para São Paulo. Apesar de amar muito o Agenor, a moça foi forçada a viajar. Quando soube que Noemi havia ido embora, Agenor chorou muito, inconformado com a sua partida. Todas as vezes em que falava nela, o apaixonado tratava-a como a morena linda que roubou sua paixão. Talvez Noemi teria sido o seu primeiro amor. Valdenor, vendo o sofrimento do irmão, compôs uma música onde dedica alguns trechos ao caso do seu irmão, contando tudo ao seu fiel amigo

Jaraguá, em suas andanças pelo Sertão. Sobre esse acontecimento, a senhora Ivane Neto, integrante do grupo e responsável pela criação das roupas dos reiseiros e também pela elaboração das comidas para a festa, relata que

Foi, quando ele descobriu que ela ia pra São Paulo, devido a eles se gostar e eles não quererem a família dela, aí começou a depressão, aí a gente procurava ele não encontrava, aí, saía procurando, procurando e nada, aí era que a gente saía com destino num rumo do mato, aí encontrava ele lá, sentadinho, debaixo de um pé de pereiro, fumando. Ao redor dele tinha toco de cigarro de todo jeito, eu queria era que você visse! Ele lá só vinha quando a gente trazia ele pra cá. Passou uma temporada desse jeito, ele chorava, ele não dormia de noite, a vida dele era acordar, era na garrafa de café, eu acho que tenho certeza que ele não saía assim até a noite pra ir pra mata, por medo de bicho, cobra, lacraia, mas quando *manhecia* o dia, ele ia pra mata. Nessa época ele quase perdia o emprego. Foi muito trabalho, meu fí... trabalho mesmo de achar que ele não ía se recuperar.<sup>52</sup>

Em 2015, na cidade de Santana do Piauí, aconteceu a morte de um dos irmãos da senhora Noemi. Todos foram ao velório dele, menos ela, que não quis saber de visitá-lo, sem falar que depois da morte do seu Agenor, ela nunca mais andou em Santana do Piauí.

Ainda podemos notar na entoada, o grande apego do senhor Valdenor com sua religião, onde se evidencia a figura de um sertanejo muito religioso, que pede a proteção de Deus para enfrentar os obstáculos da vida; pede chuva e que não falte comida em sua mesa, sinal forte de todo sertanejo que vê nas chuvas o princípio da renovação, da esperança em dias melhores, dias estes que sonha em fazer de tudo para que seus filhos possam estudar e mudar de vida, mas nunca se esquecerem de onde vieram, de suas raízes. No povoado Saco do Engano, antigamente as famílias criavam seus filhos assim.

A Moreira era tipo uma jumentinha assim, aqui é a cabeça dela, aí a gente lachou no meio pra bater aí, aí botava um arco no mei dela pra trás e sinhô de Gertrudes (Francisco Nascimento) entrava pra dentro dela, naquele arco, era arrudiado de palha de carnaúba, palha bem sequinha, aí a gente amarrava as palha em riba, aí sinhô escanchava, *quais* num cabia, e aí rodava mais, eu queria que você visse! É tanto que era a figura que o povo exigia mais para demorar, era tão bem feito que a gente não podia demorar não<sup>53</sup>.

No Reisado do senhor Neguim, o Jaraguá desempenhava a mesma função apresentada no Reisado do senhor Mateus, ou seja, o mesmo tinha como objetivo fazer medo às crianças danadas para se comportarem com seus pais. Sobre a figura do Jaraguá, *seu Neguim* assevera que

<sup>52</sup> NETO, Ivane Benícia Leal. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 22 de dezembro de 2016.

<sup>53</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

Quando tinha menino por perto, vocês não corram não que ele num pega. Na hora que ele vinha, só via os minino chispando, correndo para os pais! Tinha vez que ele tirava os chapéus dos homi, pulava e saía correndo e depois ia entregar de volta. Queria pegar outro caba, só que o caba saía correndo e fugia. Não tenham medo, aí já era... teve uma vez, num Reisado que ele entrou, aí tinha um véi bem distraído, o Jaraguá sentou a mordida na bunda desse véi que o véi pulou longe! Todo mundo só via as gaitadas do povo.<sup>54</sup>

Os caretas eram os encarregados de baterem nas portas dos senhores para começar a brincadeira. Eram máscaras feitas de latão<sup>55</sup>, onde, segundo o senhor José Raimundo Bezerra, conhecido como *seu Zé Brabo*, tudo ficava bem feitinho, tudo bem pintadinho e organizado. Cada careta tinha o seu nome na capa, e eles eram representado por três personagens distintos, sendo eles o tocador, baterista e o responsável pela entoação das poesias, ao começar a brincadeira.

Diante do que foi exposto ao longo desse parágrafo, no qual foram citados os vários personagens que faziam parte do Reisado, bem como os mesmos eram produzidos com certa maestria e destreza, nota-se que eles tinham um papel muito importante, pois eram os responsáveis pelo andamento da animação, também sendo a essência da festa que está sendo demonstrada.

Falaremos um pouco dos personagens do Reisado do senhor Neguim, pois, ao entrar em contato com o dito senhor, ele me explicou como era a sua brincadeira e quais os personagens que faziam parte da mesma. É interessante inferirmos que em seu grupo havia em torno de dez personagens, sendo eles o boi, a burrinha, o Jaraguá, o tenente, o velho, a dama, o lobisomem, e os três caretas. Como vimos, este era um Reisado que comportava um número bem expressivo de figuras, enquanto que o do senhor Mateus era composto por sete personagens, sendo eles o boi, a burrinha, o Jaraguá, a Moreira e os três caretas. Sobre os personagens, *seu Neguim* afirma que

No tempo de Saco do Engano até o povoado se transformar em cidade, onde na brincadeira do Reis, Mateus tinha o grupo dele de um lado e eu do outro. Tinha Valdenor mais Mateus, Tônonca tocador, era Bié batendo no zabumba, eles não tinha as figuras. O tenente, o velho, a dama, o lobisomem, era só a Burrinha, o boi, o Jaraguá e a Moreira e os três caretas, era só esses aí. Agora o de nós era mais cumprido, porque nós tinha a dama, o tenente, o velho, o lobisomem, a burrinha, o Jaraguá, o boi e os três caretas.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

<sup>55</sup> Metal utilizado na confecção das máscaras dos caretas.

<sup>56</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

Cabe mencionar que os personagens, o boi, a burrinha e o Jaraguá tinham as funções parecidas nos distintos Reisados apresentados pelos senhores. Falaremos superficialmente sobre as funções deles, pois a análise dos seus papéis, tanto no reisado do senhor Mateus Pedro Leal quanto no do senhor Neguim já foram ressaltadas nos parágrafos acima. Visto que a função desses três personagens são semelhantes nos dois Reisados, trabalharemos mais incisivamente os outros personagens.

A burrinha fazia um trancilino tão bonito que nós fazia com ela.. vixe! Ela chegava lá, tinha um bem aqui desse lado, outro bem alí, aí ela entrava. Quando ela entrava não podia ser *aos averso*, ela entrava aqui, aí, aí eu ficava dum lado e do outro, começava a fazer o trancilino...era bonito demais, onde o reisado passava a história ficava.<sup>57</sup>

Cabe aqui mencionar as entoadas feitas na dança da burrinha, pois, segundo o senhor Antônio Augusto, essas duas cantigas eram as mais esperadas da noite, em virtude do seu caráter sagrado, envolvendo a figura de Jesus e respectivamente a sagrada família. Todos ficavam emocionados com o modo como a burrinha se apresentava perante essas entoadas. Logo, aquele ambiente místico fazia com que as pessoas refletissem a canção cantada em forma de repente, pois, o nome da canção era as Sete Espadas de dores, ficando o público presente enaltecido com o desfecho da mesma. Nesse ponto, o senhor Antônio Augusto coloca pra gente, em forma de repente.

Ó meu Jesus, ajudai-me com vossa soberania...  
 Eu vou ler pra os ouvintes os clamour em poesia...  
 Seja pade ou doutores, as sete espadas de dores  
 Da santa Virgem Maria...  
 E entre mãe, foi ela mãe que neste mundo sofreu...  
 Cem milhões e cem mil gotas de lágrimas ela perdeu...  
 E assim não sou curpado, e sete espada agunçada  
 Romperam o coração seu...  
 E a sua mãe era Ana e o seu pai era Joaquim...  
 Não tinha irmão, nem irmã, tinha alma de malfim...  
 Dentro do Saco do Engano e a quinze ano foi mãe,  
 Do santo pai Eloim...<sup>58</sup>

Tinha mais uma entoada que era cantada na hora da apresentação da burrinha, vou cantar para você nos mesmos versos das Sete espadas de dores, só que com uma diferenzinha.

Com doze anos de idade,

<sup>57</sup> LEAL, Mateus Rodrigues. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de maio de 2016.

<sup>58</sup> FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.

Com São José se casou...  
 Ele casto e ela virgem,  
 Assim dois anos passou...  
 Não vá lhe chamar de pacto,  
 Quanto em quato e miliquato  
 Um anjo lhe anunciou...  
 Houve um refresto de luz,  
 Que iluminou o abrigo.  
 O anjo São Gabriel disse a virgem  
 Então amigo...  
 Maria cheia de graça  
 E o senhor é contigo...  
 E a virgem, ajoelhada  
 De mão posta na verdade,  
 Disse o anjo com ternura  
 É ordem da divindade,  
 Deus, meu pai, na vossa serva  
 Se faça a vossa vontade...<sup>59</sup>

Nas entrevistas realizadas, um dos personagens que me chamou muito a atenção foi a Dama e sua caracterização. Nas apresentações, o senhor que fazia a dama no Reisado do *seu Neguim* era o senhor Mateus Rodrigues Leal, conhecido como *Mateusim de Rimbuca*. O mesmo desempenhava tanto o papel da dama quanto o da burrinha. Dançando tanto no Reisado que ele próprio organizava juntamente com o grupo do senhor Mateus Pedro Leal quanto no organizado pelo do *seu Neguim*, supomos que não havia conflito entre ambos os grupos, mas sim, respeito entre eles, uma vez que os grupos sempre se ajudavam. Durante uma das entrevistas, o *seu mateusim*, que comumente demonstrava um semblante sempre sério, nos relata um episódio que aconteceu durante um Reisado nas Baixas do Maranhão, interior da cidade de Inhuma-PI, envolvendo o seu personagem como dama. Rindo da sua performance e dos acontecimentos que ocorreram lá, *seu Mateusim* relembra:

Para fazer a dama, eu usava tipo um capacete com um pano, um lenço, usava sinto de mulher, eu tinha o cabelo grande, bem escuro e cacheado, muito bonito! Usava uns seinhos por debaixo do vestido, fazia cara de sério sem rir, fazia apenas a boca de rir, logo meus dentes eram muito bonitos! Aí, uma vez, num Reisado, tinham umas meninas me olhando, aí ficaram brigando, elas diziam: “eu vou tirar aquela menina ali, ali é menina né, não?” Outra dizia: “é não, mulher! Aí num brinca mulher não, é so homi!”, “mas mulher, num pode... a cara daquele moço ali... num pode! Alí é rosto de mulher!”. Aí, quando terminou meu trabalho na brincadeira, quando eu penso que não, quando eu vinha caminhando, nós ia trocar de roupa, quando dou fé, as três meninas detrás de mim, me olhando dentro do banheiro! Elas falaram uma com a outra: “olha aí, mulher! Eu não disse que era rapaz?”. Aí teve um momento, num Reis em outra casa, que eu me troquei antes do tempo, aí fiquei lá na calçada esperando os caretas me chamarem, eu com a roupa da

---

<sup>59</sup> FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.



dama, sentei na calçada esperando minha namorada, pois ela morava lá, aí quando dá fé que não, os homi passando tudo olhando para mim na calçada, para meu cabelo, me admirando, pensando que eu era mulher mesmo.<sup>60</sup>

O personagem da dama, quando entrava na Forma, os caretas já ficavam esperando por ela para sair dançando. O tocador já ficava de olho. Na hora em que ela entrava, o *véi*, o outro personagem, pedia licença para fazer o forró. Existia sempre um diálogo, pois a intenção da dama era se defender do velho na dança. Quando o *véi* ia pegar a dama, os caretas se interferiam no meio, fazendo com que o *véi* ficasse com raiva. Segundo *seu Neguim*, o diálogo acontecia da seguinte forma:

“Pode brincar véi, mas tenha cuidado com uns cabras que não deixa você dançar”. O véi, que era zé brabo: “ora, mais se a bunda é minha, como é que eu num danço?” Quando ele se zangava, ele ia no rumo do tocador, aí arribava a faca, e falava: “ou para, ou eu toro o fole dessa desgraça! Ora, eu vou pagar uma festa para eu dançar só, rapaz?!” A gente pelejava para botar a mão dum lado, ela tirava, botava do outro, ela tirava... também aí, para completar, chegava o tenente, que era Antoin Augusto, e falava: “Eu vim lhe perguntar: queres casar comigo ou não? Só por causa de teu amor, eu vivo louco de paixão!” e ela respondia: “benzinho, eu quero é te avisar, só por causa do nosso amor é quem faz me ausentar”. Rapaz, era lindo demais, eu me arrepio todo!<sup>61</sup>.

Falando sobre o personagem do *véi*, como era conhecido pelo grupo do senhor Neguim, para mim enquanto pesquisador, foi uma das entrevistas mais interessantes e emocionantes que eu já pude presenciar até o momento. O senhor José Raimundo Bezerra, mais conhecido como seu *Zé Brabo*, me recebeu muito bem, assim como os outros senhores entrevistados. No entanto, o senhor José, de Brabo não tinha era nada! Ele falava do reisado com tanta emoção e alegria que chegava a transpassar para gente a sua animação e entusiasmo. Sempre rindo e falando sobre o seu personagem, na hora da entrevista, juntou-se a ele os seus filhos e netos, pertinho da gente, ouvindo as histórias de seu personagem. Todos a sua volta, tomando café e dando gargalhadas das suas peripécias. Sobre a sua caracterização e apresentação como *véi*, seu *Zé Brabo* nos conta:

Eu ia vestido de roupa quando saía, mas já levava os trajes do véi. Tinha que ser uma roupa esmolambada, de todo tipo, às vezes vestia uma manga, deixava outra sem vestir, já pra fazer gatura, né?! Aí aquela roupa rasgada o caba vestia, aquela roupa esmolambada e ia pra todo lado, ali já era pra fazer graça. No Reis, o véi já entra pra fazer graça, o caba dava capoeira, dava cangapé, dava um mortal, cai de costa, eu corria quando entrava a jereta. Ali

<sup>60</sup> LEAL, Mateus Rodrigues. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de maio de 2016.

<sup>61</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

era já na hora quando a jereta fosse sair, eu corria e agarrava na sua garupa, muntava e caía pra trás. Aí desse jeito eu fazia, o povo achava bom. uma vez eu fui muntar na garupa da jereta, ela foi quem caiu, eu num caí porque, no tempo, eu era mais novo e ligeiro. Quando era pra eu cair, eu virava um mortal, né?! Já caía em pé, o outro se quisesse se arrebatava! Eita rapaz, que o caba inventa cada brincadeira, isso tudo para levar o tempo! [risos].<sup>62</sup>

Nas entrevistas, praticamente este personagem estava presente em boa parte das apresentações, no ritual, devido ao seu caráter cômico, sempre fazendo graça para a multidão. Teve uma ocasião em que, no Reisado realizado no Curral Velho, interior da cidade de Inhuma-PI, aconteceu uma situação envolvendo o véi e o padre. Eles fizeram essa apresentação imitando o padre porque o Reis foi realizado na calçada da igreja do interior. Apesar de a intenção ser a de homenagear o padre, esta foi uma situação cômica pelo desfecho da história, assim como relembra *seu Neguim*:

O pade lá celebrando a missa e chega o véi e pergunta?  
 -Pade, você vai fazer o casamento da minha filha com missa em latim, ou como é, pade?  
 O pade responde:  
 -É em latim, em português, vamo brincar é de tudo!  
 O véi começa: - rau, rau, rau...  
 O pade fala:  
 -Oxente véi, você tá é latindo aqui?  
 O véi:  
 -Oxente! A missa num é em latim? Então vamo latí!...  
 Rapaz, era engraçado demais [risos].<sup>63</sup>

Para fazer a representação do personagem do tenente, o senhor Antônio Augusto, na hora do ritual, largava a Ponta para fazer a Forma, ou seja, ele largava os cânticos e as entoadas, funções essas dos caretas na Ponta para fazer a Forma, que é as apresentações. O senhor Antônio, como tinha uma roupa de soldado e um porte físico bem avantajado naquele tempo, logo era comparado a um militar, devido a sua postura e a sua função, que era apenas colocar ordem na brincadeira e controlar o véi, sem falar no cortejo amoroso que esse fazia ao personagem da dama. O senhor Antônio Augusto ressalta:

Quando eu entrava na roda, dava umas voltas em marcha, sempre com aquela postura. Quando a dama aparecia na roda, eu alentava a mão e começava:  
 Boa noite senhor, senhorita,  
 A minha vida é fazer você chorar...  
 Nós vem é da fazenda pajeú,

<sup>62</sup> BEZERRA, José Raimundo. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 13 de maio de 2016.

<sup>63</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

Moça do vestido azul,  
Tenho um prêmio e vou lhe dar...

Mais ó menina, me diga...  
Por que é que a pedra do teu anel,  
Traz a luz pra brilhar? ...  
Eram duas pedras, uma verde,  
E outra amarela e agora eu quero elas,  
Pra fazer você chorar.<sup>64</sup> ...

Esse próximo personagem a ser apresentado tem como característica o mistério a sua volta. Presentes nas lendas do nosso folclore brasileiro, este era um dos personagens que, depois do Jaraguá, colocava medo nas crianças devido a sua aparência, mas na hora em que entrava no ritual reiseiro, encantava a todos com seu remexido. Envolto pelo mistério a sua volta, esse personagem era o lobisomem representado pelo senhor João José Vicente da Rocha (In Memoriam). Para falar deste personagem, entrevistamos o senhor Antônio Augusto, uma vez que ele era o que mais lembrava a toada do Lobisomem. Primeiramente, falaremos sobre a sua caracterização, depois sobre o seu cântico. O entrevistado Antônio Augusto salienta que

Na criação do lobisomem, João José da Rocha pegava aquelas peles de carneiro, quando o pessoal levava o animal para o abate nós comprava a pele deles, e depois de lavar bem lavado, a gente costurava e fazia a pele do lobisomem. Como o couro do carneiro era grosso e peludo por causa da lã, ficava aqueles pelos em volta dos braços, das pernas, na cara. A gente fazia umas máscaras de latão e fazia as ureia do animal. As crianças ficavam com medo quando via ele, firulava sempre, fazendo medo ao povo.<sup>65</sup>

A cantiga do lobisomem era assim, quando ele vai andando, os caretas vão encontrando com ele e cantando, naquele mesmo instante:

E vem chegan o lobisomem,  
Vem chegan pra o salão,  
Cuidado no velho,  
Vii qui já vai batendo chão.  
Ai, ai, ai eu quero é me esconder...  
O bicho lobisomem tá com fome e quer comer.  
Está noite a meia noite, eu fui caçar caju maduro,  
Tava o bicho lobisomem me esperando no escuro,  
Ai, ai, ai, eu quero é me esconder...  
O bicho lobisomem tá com fome e quer comer<sup>66</sup>...

<sup>64</sup> FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.

<sup>65</sup> FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.

<sup>66</sup> FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.

## 2.2. DO RITUAL À FESTA

Para dar início à brincadeira, era necessário haver um convite para o grupo poder se apresentar no lugar. Quando ocorria esse convite, o grupo que era solicitado preparava o terreiro, sempre com um mesmo ritual de entrada. No depoimento do senhor Mateus Pedro Leal, elencando como era o ritual perante o seu grupo, ele fala:

A gente ia pro terreiro, fazia uma roda ali pra começar aquela brincadeira. A gente ajeitava a roda bem ajeitadinha, aí a gente perguntava; “pronto senhor, tá tudo pronto logo, tá?! Dá licença de nós botar uma Ponta-Forma aqui, se der, tá bom, e se num der, o camim do fei é por onde vei.” já pra fazer graça, pra seguir em frente, aí dizia: “nam, que nada, vocês vão brincar aí até de manhã”, aí nós já começava na Forma, aí quando terminava a Forma, aí nós ia falar lá com ele: “pronto, meu amigo! Nós temo uma grande burra bonita e formosa pra lhe vender. Meu amo compra ou num compra?” ai ele ia com aquela charada: “ela é marchadeira, e boa braia, e famosa, é do jeito que você quiser, ela é boa.” “E quanto é a burra? O preço a gente só diz quando termina”. Já levando na charada mesmo: “pode trazer que a gente compra!”. Aí por aí a gente começava logo, depois o boi, depois o Jaraguá, depois era a Moreira, que era do rabo de paia, era um arco arrodado de paia<sup>67</sup>.

Podemos inferir, a partir do relato do senhor Mateus, que tudo era levado, desde o início da brincadeira, com o intuito de divertir o público que se fazia presente, sempre com cantigas envolvendo o dono da casa, onde podemos demonstrar isso através de uma cantiga oferecida para o senhor Eurípedes Borges (In Memoriam), grande personalidade política de Saco do Engano, presente no livro *Santana do Piauí, a Origem do meu povo*

Boa noite, meu senhor,  
 Licença queira me dar  
 Meia hora de relógio  
 Pra meu boi balancear.  
 Do boi a fuçura... é pra Josefa, pra fazer  
 Pirão...pra seu Gonzaga.  
 Do boi, o cabilouro... pra Chiquim de Pedro Zezinho  
 Do boi, a mocotó...é pra Francisca, pra  
 Fazer azeite...e botar no cocó  
 Do boi, as tripas finais...pra essas meninas,  
 Do boi, a tripa guaitera...é pras muié solteira;  
 Do boi, o coração...é pra seu Eurípedes Borges, pra  
 Fazer pirão, no dia das eleição  
 Da rabada...é pra essa rapaziada<sup>68</sup>

<sup>67</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

<sup>68</sup> SANTOS, M. A.; ROCHA, M. S.; ROCHA, A. S. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.

Os primeiros personagens a entrarem na roda eram os caretas, que eram os responsáveis pela entoação das rimas iniciais que aconteciam com o senhor dono da casa e anfitrião da festa onde a brincadeira acontecia. Após os caretas realizarem a cerimônia inicial, os personagens entravam de maneira ordenada e sempre envolvida por danças em forma de xote. Logo após os caretas, vinha a burrinha, que tinha como principal finalidade ser vendida para o amo da casa. Após a burrinha fazer sua apresentação, que durava mais ou menos meia hora, quem conduzia esse personagem ao longo da brincadeira era o senhor Mateus Rodrigues Leal, conhecido popularmente como *Mateuzim de Rimbuca*.

Após a saída da burrinha, o próximo personagem já estava preparado para entrar na brincadeira. Este era o boi chita fina, ou Piabaê, que, envolvido pela sua cantiga, entrava se balançando e rodopiando, deixando todo o pessoal presente enaltecido com a sua beleza. O mesmo era representado pelo senhor Francisco Nascimento (in memoriam), conhecido popularmente como *Sinhô de Gertrudes*. Após as cantigas finais envolvendo a saída do boi, o próximo personagem já estava pronto para entrar.

Diferente dos personagens que já haviam entrado, esse personagem se caracteriza pelo mistério, pois ninguém sabia por onde ele ia entrar. Todos ficavam ansiosos pela sua entrada, sendo esse o temido Jaraguá, que era representado pelo senhor Mateus Pedro Leal, se constituindo como a figura mais misteriosa da festa. Pela sua representação no ritual, todos tinham medo da sua forma, principalmente crianças pequenas, além de muitos jovens da região.

Já a Moreira era o último personagem a se apresentar, trazendo como peculiaridade o seu rabo de paia que atraía a todos com o seu remexido e seu rebolado, ganhando assim uma forte admiração do amo da casa, que com seu rebolado, encantava a multidão em sua volta, ficando todos admirados com a sua performance. A finalidade da Moreira era somente a de se apresentar, remexendo seu rabo de paia ao público presente.

Após o fim da festa em que todos os personagens já haviam se apresentado, o dono da casa iria agradecer a todos, e ofertava uma quantia em dinheiro ao grupo. Esse dinheiro só era dividido após o final de todas as apresentações do ano, pois o valor acumulado era empregado no custeio e manutenção do grupo e dos personagens, fazendo as reformas dos mesmos, além de auxiliar no deslocamento da equipe para outros interiores, outras cidades esse ritual de apresentações se repetia por mais ou menos três meses e meio, quando chegava a Semana Santa, o reisado era chamado de matança.



Imagem 05: Imagem Representando a Matança, que era o Reisado que finalizava o ciclo de festas de Reis no ano. Fonte: arquivo pessoal de Edimilson Antônio d Silva.

Ao analisarmos esta imagem, vemos todos os personagens reunidos na hora da Matança, desde os três caretas, embora na imagem só aparecem claramente dois- se olharmos com cuidado, bem no cantinho esquerdo da imagem, a cima do senhor sentado na cadeira está o outro careta com a sua face virada para os sanfoneiros, representando assim o terceiro careta. Uma curiosidade sobre os caretas é que eles só podiam levantar a máscara quando terminava a brincadeira, ou então, quando algum de seus componentes ia fazer a Forma e tinha que deixar a Ponta. Na hora do ritual, eles não podiam levantar as máscaras, em respeito à história dos Reis Magos.

Observamos também a presença do boi chita fina, da Moreira, ao seu lado, representado por esse senhor que está com um pano branco na cabeça. Ela está bem no meio de suas pernas, como se o homem estivesse montado nela. Ao lado esquerdo desse senhor, temos a presença do Jaraguá, segurado por um dos caretas. Embora a imagem tenha o tirado de foco, percebemos resquícios de sua máscara e notamos a grande quantidade de pessoas em torno do grupo, tudo isso para mostrar o quanto o Reisado foi importante para o povoado Saco do Engano e, conseqüentemente, para a cidade. No tangente à simbologia cultural criada

e deixada por esses senhores e que hoje se encontra perdida na cidade, onde muitos personagens se perderam nessa ação ligada aos representantes políticos em querer preservar a cultura, estes são os frutos dessas ações: os descasos e a perda com os personagens, as perdas com a cultura reiseira.

### CAPÍTULO 3 – “SE É DE TERRA, QUE FIQUE NA AREIA”

O objetivo deste capítulo está no sentido de trabalharmos com a memória dos senhores reiseiros. Fazendo algumas distinções sobre seus olhares a respeito da festa, focamos nosso estudo no intuito de fazer duas divisões: uma, sobre como o grupo do senhor Mateus Pedro Leal vê a tradição reiseira, levando esse mesmo sujeito a afirmar que não teria mais condições de se fazer Reisado na cidade devido, além de muitos outros motivos, à crescente modernização, uma vez que a urbanização e a constante mudança de cultura são fatores determinantes para o desaparecimento do ritual. Em contrapartida, fazemos uma contraposição de ideias com os discursos apresentados pelo grupo do senhor *Neguim de Zé Vicente*, onde todos os sujeitos afirmam que teria como fazer a festa de Reisado novamente no atual espaço de Santana do Piauí.

Dessa maneira, diante do arcabouço de ideias exposto neste trabalho, trabalharemos analisando os discursos, buscando fazer comparações, associando assim o jogo discursivo em relacionar a festa como uma prática fadada ao passado, se apresentando enquanto uma tradição morta, impossível de ser ressuscitada. No entanto, face a uma festa que necessariamente pulsa para existir, onde o presente com vistas para o futuro se torne o centro das atenções, o grupo do senhor *Neguim* almeja sempre, em seus discursos, o desejo de apresentá-la novamente para que a população santanense possa presenciar o Reisado, objetivando que a mesma se perpetue ao longo do tempo e a tradição cresça e se desenvolva.

*Seu Neguim* trabalha suas falas nessa finalidade. Conforme esse intuito, aguçaremos nossos olhares aos estudos voltados para a memória como objeto, cerne deste capítulo, sobressaindo assim as falas como produto-chave. Cabendo ao historiador intensificar seus trabalhos sobre as mesmas, criando assim novos horizontes a respeito das fontes históricas, principalmente as fontes Oraís. Nesse sentido, Burke nos adverte:

“Os historiadores se interessam, ou de qualquer modo precisam se interessar, pela memória a partir de dois pontos de vista. Em primeiro lugar, têm de estudar a memória como fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência no teor da crítica tradicional de documentos históricos. Esse empreendimento já se acha de fato em movimento desde a década de 1960, quando historiadores do século XX passaram a compreender a importância da “história oral”. Mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições orais embutidos em muitos registros históricos.

Em segundo lugar, os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar. Considerando-se o fato de que a memória social, como individual, é



seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, e como mudam com o passar do tempo. As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade”<sup>69</sup>.

Para o grupo do senhor Mateus Pedro Leal- onde, de todos os componentes da primeira formação, apenas o senhor Edmilson Antonio d Silva e o senhor Mateus Pedro Leal estão vivos-, a festa é vista sempre como algo morto e sem alternativas de existência, onde o passado é o seu local de atuação. Durante as entrevistas, no momento de falar sobre a sua performance com o grupo, o senhor Mateus Pedro Leal se deixava levar pelos sentimentos. Antes das falas, o referido senhor sempre refletia um pouco, se emocionava, com aquele olhar envolvido pelo semblante de lembranças fortes, como se muitos acontecimentos passados estivessem vindo à tona. Mateus Pedro Leal fala sobre a festa como uma espécie de remédio para muitos conflitos que marcaram o espaço de Saco do Engano. Nesse viés, Maria Clara Tomaz Machado enfatiza:

“Antes de tudo, a Folia de Reis é uma festa coletiva que comemora uma crença popular. A festa é, nesse sentido, o outro momento da realidade ordinária na existência de homens comuns. Como parte integrante da vida cotidiana, marcada pela exaustiva jornada de trabalho, a festa como uma síncope, quebra esse ritmo, proporcionando o lúdico, o mágico aflorar das sensibilidades e emoções contidas.”<sup>70</sup>

A festa de Reisado, ao longo da sua fala, é tratada não apenas como um simples ritual, mas como um elo entre famílias e pessoas que se achavam mais poderosas, famílias ricas, de pele branca, juntamente com as pessoas pobres e negras, pois, na hora do Reisado, todos estavam lá, juntos, tomando café e cachaça. Conforme as suas falas, a festa serviu para, aos poucos, unir esses diferentes sujeitos num mesmo espaço. Mateus Leal salienta que a festa

Serviu para unir, serviu para unir para acabar aquela rivalidade, aquela tolice, porque não tem ninguém melhor que ninguém, seja branco, seja preto, seja bonito, seja feio, seja rico, seja pobre, num tem ninguém melhor que ninguém, nós saímo unicamente do pó da terra você ver que até o buraco de um é a mesma fundura de todos eles é uma fundura só.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 72-73.

<sup>70</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. (Org.) **História e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia, 2003. P.34.

<sup>71</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

É notável, pela fala do senhor Mateus, o quanto a sua brincadeira desempenhou uma função importante dentro de Saco do Engano. No momento das entrevistas, ele concomitantemente falava, emocionado, num tom bastante orgulhoso, sobre o desfecho feito pela sua equipe em situar o Reisado não como uma simples brincadeira, mas como algo mais além, mais intenso. Sempre estava emocionado pelos benefícios que o seu Reisado pôde proporcionar ao povoado Saco do Engano.

Seu companheiro Edmilson Antônio d Silva, conhecido como *Bié*, fazia semelhante discurso em suas palavras, por ter vivido e presenciado muitas situações, muitas ironias de famílias que, por possuírem muitas terras eram relacionadas como ricas naquele tempo em Saco do Engano, faziam descaso com os mais pobres; contudo, na hora da festa, o senhor Edmilson relembra que estavam todos juntos, lado a lado, muitas vezes o pobre e o rico, bebendo cachaça no mesmo copo. Na hora das entrevistas, este sempre falava, com um tom revoltado, sobre as mazelas sofridas pelos pobres naquele tempo e sempre se orgulhava de sua participação no Reisado, pois, após a apresentação, o mesmo era visto com mais atenção pelos seus patrões. Em virtude de brincar o ritual, o senhor Edmilson garantia benefícios junto aos patrões, uma vez que estes passavam a ter mais respeito e apreço por ele, como assim ele ressalta:

Oxente! Era tudo, tudo ia, uns esquecia aquele negócio: seu fulano esse, era aquele... de primeiro tava todo mundo, não tinha esse negócio não! Os ricos, quando chegavam na festa, já iam oferecendo as coisa, ficava lado a lado cum nós. Foi acabanu mais aquele negócio de rico com pobre, de branco com negro. Vinha gente até dos Picos, amanhecia o dia com muita gente nesses terreiros aí... era bom demais, foi tão bom que acabou-se!<sup>72</sup>

Nesse aspecto de trabalhar a fronteira entre uma classe social e outra e, ao mesmo tempo, relacionar o poder da tradição como algo de reconhecimento e identificação social, Bhabha nos adverte:

“O “direito” de se expressar a partir da periferia do passado e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação”<sup>73</sup>.

Analisando os discursos feitos pelo senhor Mateus e pelo senhor *Bié*, nota-se que a festa de Reisado foi um ritual que trouxe muitos benefícios para os mesmos e para o povoado.

<sup>72</sup> SILVA, Edimilson Antônio d. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 30 de janeiro de 2016.

<sup>73</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. P. 441.

Logo, é notável em suas falas a constante reverência à festa, pois era uma forma de os mesmos expressarem a sua arte, além de contribuir para amenizar os conflitos que antes marcavam o espaço, em Saco do Engano. Os dois senhores, embasados pela a união entre si e pela fraternidade com a qual o grupo se apresentava, utilizavam-se das apresentações como uma forma de criar um público homogêneo, onde muitas pessoas estariam ali prestigiando e vivenciando aquele ritual. Dessa forma, o Reisado se apresentaria como a mola propulsora dessa proximidade entre os diferentes sujeitos. Sobre esse aspecto, Bakhtin salienta:

“As práticas culturais populares não pertencem ao domínio da arte. Elas se situam entre a arte e a vida. É a própria vida muitas vezes representada. Nas festas populares os espectadores não as assistem, eles a vivem, elas existem para o povo e todos delas participam intensamente”<sup>74</sup>.

Nesse sentido, o senhor Mateus Leal volta o seu olhar para o passado, em se tratando do Reisado, onde o povo aceitava e acompanhava o seu trabalho. Este revela que aonde o grupo iria se apresentar, o povo estava constantemente a sua volta. Com isso, ele trabalhava duramente e com maestria para preencher os anseios da população que iria lhe assistir e prestigiar o seu trabalho. Mateus Leal ressalta que

Naquele tempo que a gente andava com essas coisas, todo mundo queria, todo mundo queria e ninguém ia recusar, de jeito nenhum, Pronto, bem aí na Lagoa (povoado), os meninos vinha buscar cumpadre Valdenor aqui para ir brincar lá, mais ele só queria ir se eu fosse. Eu ia, nós se apresentava, e todo mundo lá acompanhando, aplaudindo, nos apoiando. Era muito bom, meu filho! Aonde é que hoje, aqui em Santana, a juventude faz isso?<sup>75</sup>

Diante de tudo isso, o tempo relacionado ao presente, para o senhor Mateus e para o senhor *Bié*, é o tempo da desconfiança, da exclusão. Logo, quando tratam da festa, sempre a relacionam com o passado. No presente, ao passo em que o povoado vira cidade, novas formas de cultura adentram os espaços de Santana do Piauí. A entronização de televisões, computadores e outros meios tecnológicos contribui para que o público mude a sua forma de entretenimento- principalmente o público juvenil, ficando os mesmos sedentários em suas residências. O Reisado que antes desempenhava certo papel na união das massas, passa a ser apenas mais uma prática fadada ao esquecimento, ficando somente na memória daqueles que outrora sentiram e vivenciaram o ritual, sendo excluída pela população remanescente, criando

---

<sup>74</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. (Org.). **História e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia, 2003. P.34.

<sup>75</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

assim uma espécie de fronteira temporal e espacial para com a festa. Nesse viés, Bhabha enfatiza:

“O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses entre lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação singular ou coletiva que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.”<sup>76</sup>

Nas entrevistas feitas, percebe-se que ambos os senhores enfocam sempre o passado como que, automaticamente, estivessem inseridos dentro dele, uma vez que a festa teve grande aceitação, penetrando os espaços entre o público e o privado num ambiente em que os valores, o território, e até o tempo estavam a seu favor, conduzindo-os cada vez mais à aceitação de sua brincadeira como uma forma de vivenciar o momento, levada ao esplendor e a admiração pelo povo a sua volta.

O povoado começa a se remodelar passando à cidade, criando novos hábitos, novos costumes e valores, onde novas formas de culturas trazidas pela urbanização seguem sempre o semblante da modernidade e se enraízam na cidade. Tudo isso vai culminando para o abandono da festa, como se o novo não suportasse a presença do velho por perto. Dessa forma, a festa vai sucumbindo, passando a ter apenas um significado simplório para aqueles que a vivenciaram em um determinado momento. Diante desses fatos, fazemos uma comparação, onde consideravelmente nos parecemos mais com o nosso tempo do que com nossos pais; portanto, os discursos dos senhores estavam sempre atrelados ao passado contínuo.

Estes anseios apresentados pelo senhor Mateus, juntamente com o senhor Edmilson Antônio d Silva, em enterrar a sua festa nas “cata tumbas do tempo”, é uma forma de atribuir valores ao seu ritual. Para estes, seria uma forma de autopreservação, onde lá ela estaria viva e pulsante e não corrompida pelas ondas vorazes de um tempo presente que, ao bater em suas estruturas, a deformaria. Fazendo uma singela analogia, é como uma onda que, ao bater no corpo sólido de uma rocha, deforma e modifica sua estrutura ao longo do tempo. Em se tratando da festa, as ondas seriam representadas por estas novas formas de culturas advindas da modernidade impingidas pelo capitalismo, que dilaceram tradições, fazendo com que as mesmas fiquem no esquecimento, no silêncio, reservando o seu espaço de atuação ao passado,

---

<sup>76</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. P. 20.

cabendo ao historiador escutar os seus silêncios e rastrear as suas pistas. Assim como nos afirma Michel de Certeau:

“Para o historiador, assim como para o etnólogo, o objetivo é fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob pena de nada ser”<sup>77</sup>.

Nesse aspecto envolvendo o trabalho do historiador em estar sempre alerta para com as marcas deixadas pela humanidade, sobretudo quanto ao seu distanciamento no tempo ou no espaço, seus desdobramentos se ornaram das sutis seduções do estranhamento para com temporalidades distintas. Tendo por objeto o espírito humano, Bloch salienta que

“Há muito tempo, com efeito, nossos grandes percursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade, por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se aparece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”<sup>78</sup>

Agora, nesse entrecruzamento de ideias envolvendo as análises do discurso, focaremos nosso trabalho para analisar os motivos que levaram o grupo de Reisado do senhor Manoel José da Rocha, mais conhecido como *Neguim de Zé Vicente*, a utilizar os seus discursos para dizer que seria possível trazer o ritual e que, nesse viés, pretende, junto com os outros senhores que compõem este grupo, organizar e ajeitar todos os personagens para que, necessariamente, possam dar continuidade à festa brincante.

Ao longo das entrevistas com este senhor, notamos o seu profundo encanto com a tradição que o mesmo desempenhava, tanto antes, em Saco do Engano quanto agora, na já emancipada cidade de Santana do Piauí; encanto este voltado para a expectativa de apresentar a festa novamente. Fazendo uma comparação entre o grupo do senhor Neguim e o grupo do senhor Mateus, notamos certas diferenças no que concerne ao papel desempenhado pelo Reis. Nota-se, nas entrevistas, que o Reisado desenvolvido pelo senhor Mateus junto com o seu grupo, era uma festa que carregava um sentimento a mais, um ritual mais inserido dentro de um contexto envolvido por várias problemáticas, ao passo que a festa serviu para amenizar

<sup>77</sup> CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. P.79-80.

<sup>78</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P.54.

certas inimizades por questões sociais, como pobreza e riqueza e questões raciais. De certa forma, nos discursos deste último, a festa promoveu mudanças no meio social do povoado.

Nas entrevistas, fui contaminado pelas suas emoções ao falar sobre o papel desempenhado por sua festa naquele povoado. Mateus Leal, juntamente com o Senhor Edmilson Antônio d Silva, através dos seus discursos inflamados, relatam as mazelas enfrentadas pelos mais humildes, os sofrimentos apresentados pelos pobres em relação àquelas famílias que sempre exploravam por demais os seus trabalhos, numa terra em que, segundo o mesmo, os pobres só podiam ouvir e aceitar, mas que tudo isso foi aos poucos sendo mudado. É interessante ressaltar que um dos grandes provedores dessas mudanças, dessas aproximações, foi a festa de Reisado, pois quando o grupo reiseiro apresentava a manifestação cultural, mexia com os ânimos do pessoal em volta, desde o rico ao pobre, do branco ao preto. O senhor dizia, emocionado, que passava a ser bem visto pelos seus patrões, que o assistia e sempre falava que a festa proporcionou uma identidade de respeito, além de uma proximidade a mais com aquelas famílias mais ricas para as quais ele trabalhava em virtude do mesmo ser negro.

Em seus discursos, sempre notamos as reações intercaladas por aquele olhar distante, sua voz às vezes trêmula, como se lembrasse de muitas coisas boas e ruins, devido às dificuldades daquele tempo no povoado em questão. Neste trabalho, priorizei sempre as falas inflamadas, com tons de revolta e indignação pelo descaso do governo para com o povoado, pelas explorações no âmbito do trabalho provocado pelas famílias brancas que possuíam mais terras, onde os mais pobres tinham que vender sua força de trabalho, porque, se não trabalhassem, não eram amparados por ninguém, a não ser o amparo mútuo daqueles de mesma condição social. Dessa maneira, se sobressaía uma união fraternal entre ambos os senhores, pois, por se conhecerem e morarem perto, na hora do desespero, só mesmo Deus e a ajuda que uns davam aos outros. Tudo era mais difícil naquele tempo, assim falava o senhor Mateus.

Nesse sentido, quando questionados se teriam como novamente fazer a festa de Reisado assim como era naquele tempo, os mesmos, em seus discursos semelhantes, falavam que poderia até fazer a festa novamente, mas ela nunca seria como antes, tendo em vista a morte de muitos senhores que faziam parte de seu grupo. O senhor Valdenor havia morrido em 2004, meses depois de uma das apresentações na cidade, onde posteriormente ocorreu o falecimento do senhor Francisco Nascimento, conhecido como *sinhô de Gertrudes*. Para Mateus Leal, a morte dos companheiros contribui para o seu discurso relacionando ao fim da festa, uma vez que, para ele, se apresentar sem o seu grupo de origem não seria a mesma

coisa, principalmente num espaço em que os jovens do tempo atual dão pouca atenção a você, ao seu trabalho; preferem ficar em casa assistindo ou jogando no computador, além da falta de atenção dos políticos, que não incentivam a cultura.

O Reisado organizado pelo senhor Neguim, segundo as entrevistas realizadas, era aquele ritual mais voltado para realçar o belo, aquele sem nenhum comprometimento com alguma problemática. Em seus discursos sobre a festa, o senhor sempre ressaltava a beleza com que ele e seu grupo faziam a brincadeira, sempre enfatizando o seu desfecho como careta, prosador. Era um reisado mais voltado para o entretenimento, visando encantar o público. O seu semblante na hora das entrevistas era sempre risonho, sempre aquele riso fadado à admiração, mas nada que se insere dentro de uma vertente ligada a uma problemática mais profunda, de acordo com o que foi perceptível nas entrevistas.

Outro fato interessante de ser ressaltado em seus discursos foi a relação que o mesmo atribuía à festa de Reisado, como a obtenção de salário. Em alguns momentos da entrevista, o referido senhor utilizava sua fala para mencionar os locais por onde ele andava, onde o povo pagava bem. Nota-se, nesses discursos, que o objetivo principal do mesmo em fazer com que a sua brincadeira saísse muito boa era a pretensão de ganhar uma boa quantia dada pelo dono da casa, ou seja, este era um Reisado mais atrelado à parte financeira, conforme está explícito em sua fala:

O reisado era uma brincadeira muito boa, apreciável, o povo gostava demais, nós tinha Reis para todo o canto sim. Brinquei outro folclore, dois na Inhuma, um lá no Centro de Convivências e outro lá no clube.. brinquei muito! Naqueles tempo, vixe maria! O Reis meu, na hora que saía na rádio, quando eu chegava no Reis, já tinha aquela multidão. Na Inhuma me pagaram até salário, aí eu nunca deixei. Doutor Alípio, prefeito da cidade... sabe quanto ele me deu? Era cruzeiro a moeda, me deu 3.000 mil cruzeiros, foi um reis gordo! E o tratamento bom que eles fizeram com nós?! Eu saí roco naquele dia.<sup>79</sup>

Neste outro exemplo, notamos os conceitos financeiros com o qual o mesmo relaciona a sua festa:

Tomaram conhecimento, a Forma era duas, a Forma e a bendita Forma que é a Ponta-Forma, tinha as figuras tudinha. Tinha vez que ainda que repetia, aí o pagamento era dobrado. Brincava com a burra e o boi de novo sim, o boi nós só deixava pra o segundo tempo. Era o tempo que ele fazia aquela canção<sup>80</sup>.

<sup>79</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

<sup>80</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

O que achei mais interessante é que o resto do seu grupo, na hora das entrevistas, não utilizava expressões como salário ou pagamento. Os mesmos, em suas falas, sempre atribuíam o oferecimento de dinheiro relacionado ao dono da casa simplesmente como oferta, como ajuda. O simples fato de algumas vezes utilizar o verbo pagar, eram usados de modo simplório. Durante a brincadeira, na encenação da venda dos animais ao dono da casa, aquele dinheiro ofertado pelo dono é utilizado para a manutenção do Reis e não para o beneficiamento dos sujeitos. No caso da sobra de alguma quantia, depois de realizadas as devidas reformas e consertos, este valor era dividido entre ambos. Mediante a isso, achei curioso as formas como esses distintos senhores se apropriavam desses conceitos para o recebimento desses valores. Sobre o aspecto financeiro, o senhor *Zé Brabo* ressalta que

Quando o Reis era muito longe, era preciso fretar carro, aí tinha que o caba cobrar, num era bem cobrar, é que no Reis o *véi* era muito acanalhado, via logo quando o dono da casa ia dar alguma coisa, começava a fobar, aí no fim ele dava uma importância pro caba ficar satisfeito. Quando o caba brincava em cinco casas, ou seis, dava pra pagar o frete do carro e se sobrasse um pouquim, agora *Neguim* era porque era sabido, esperto, ficava com o dinheiro. Muitas vezes ele pagava, o pouco que, muita vez ele ficava, ele toda vida foi esperto<sup>81</sup>.

De acordo com o que foi exposto, o que pretendo afirmar nas minhas colocações é que, em certos discursos colocados pelo senhor *Neguim*, temos a impressão de que o Reisado está relacionado à mercadoria. É como se, em determinados momentos, ele apresentasse a festa com o objetivo de almejar sempre um bom pagamento, como se estivesse buscando recompensas financeiras pelo seu trabalho.

Outra diferença marcante que modifica as formas de se fazer Reisado entre ambos os grupos de senhores é que, enquanto o Reisado desenvolvido pelo grupo do senhor *Neguim* era algo mais voltado para o entretenimento, para o glamour do mesmo, sem uma profundidade a mais nos motivos que o levava a fazer, a festa reiseira do senhor *Mateus* se apresentava como uma forma de pagar uma promessa, onde, por ventura, em meados dos anos de 1971 e 1972, no momento em que estava procurando emprego, sofreu um sério acidente em São Paulo, o que lhe ocasionou sérias complicações em decorrência deste.

A partir do momento em que ele retorna para o Piauí, soubera que a sua amiga *Hosana* havia feito uma promessa ao Santo Reis, que se ele recuperasse a saúde, teria que “tirar um Reis” todo ano em sua casa. Como obteve a graça alcançada e depois de recuperado, o senhor *Mateus Leal* nunca mais deixou de fazer o Reisado, até o momento em que parte de

---

<sup>81</sup> BEZERRA, José Raimundo. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 13 de maio de 2016.



seu grupo faleceu. Em decorrência desse fato, o senhor parou de organizar a brincadeira por definitivo. Em seus relatos, ele nos conta que fazia o Reisado por uma questão mística e menos atrelada à questão financeira.

Ao enfatizarmos que o Reisado do senhor Neguim era mais voltado para o glamour, para o entretenimento, na hora das entrevistas percebemos aquela emoção em retratar a sua festa apenas como um tom de embelezamento, ou seja, fazia-se o ritual com vistas à admiração de suas performances perante o público. Portanto, não havia um motivo a mais, algo mais profundo que os cativava a fazer a festa, até suas respostas eram mais vazias, uma vez que, quando indagado sobre qual a importância representada pelo Reis para ele, este sempre falava que era uma brincadeira muito boa, muito bonita e que ela foi a coisa mais importante de sua vida, porque ele se divertia muito. Nesse momento, o entrevistado começava a falar dos lugares por onde andou com o Reis, a admiração com que o povo desses lugares atribuía ao seu ritual... sempre eram utilizadas falas sem uma profundidade a mais. O senhor *Mateusim de Rimbuca* nos relata que

Neguim aí era quem mais fazia parte, e a gente ia, mais a história dele é que ele era uma pessoa era bom! Mais ele queria ser o mais elegante, né? Num era o mior, a gente fazia as coisas, mas era com ele, as opinião era do jeito que ele dizia, a gente aceitava<sup>82</sup>.

Para intensificarmos mais o jogo discursivo entre ambos os grupos, visto estarmos enfocando sempre as sensibilidades para com os distintos rituais, colocaremos agora os motivos que os referidos senhores se utilizavam para argumentar que o seu Reisado era o melhor, ou simplesmente atraía mais a população do que o outro, no espaço do Saco do Engano. Serão expostos aqui os motivos dessas afirmações segundo a defesa dos entrevistados, cabendo ao bom leitor tirar suas próprias conclusões.

Cabe ressaltar que o Reisado do senhor Neguim teve início no ano de 1958 a meados de 1960. Nesse período, *seu Mateus* brincou com ele de 1959 a 1960, quando, no ano de 1970, Mateus viajou para São Paulo. Enquanto isso, *seu Neguim* deu uma parada, dando continuidade à brincadeira somente em 1974, enquanto *seu Mateus*, ao retornar ao Piauí, começou a brincar com seu grupo no ano de 1973. Acompanharemos os relatos do senhor Mateus Pedro Leal, onde, em suas colocações, defende o porquê de o seu Reisado ser mais chamativo do que os outros. Sobre a questão, este afirma:

---

<sup>82</sup> LEAL, Mateus Rodrigues. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de maio de 2016.

Mas quando nós brincamos que arrumemos o de nós, eles ainda tavam brincando, mais quando nós arrumemos o de nós, lá se acabou, se apagou tudo, aí os de lá, quando nós brincava desse lado que eles brincava lá, o povo no lugar de ir pra lá vinha era pra cá, porque era mió, os outros Reisados não tinha os personagens, o boi, a burrinha e a Moreira. Era bonita a brincadeira e tinha o Jaraguá, o deles nem tinha Jaraguá, nem tinha Moreira, num tinha nada, era só o boi, a burrinha e uma dama para confeitar, num tem nada, só a brincadeira. O deles era a dama para brincar com o véi pro véi dizer charada, brincadeira pra dar risada. Agora o que valia no nosso é porque tudo o que nós fazia era bem feito! Era a Forma com a burra, era com o boi, e a Moreira em primeiro lugar, o Jaraguá em primeiro lugar de brincar e fazer movimento<sup>83</sup>.

Contrastando com a sua fala, discorremos sobre as falas feitas pelo *seu Neguim* para a legitimação de sua festa como um ritual mais envolvente, mais chamativo pela massa sacoense e, posteriormente, de Santana do Piauí. Segundo o entrevistado:

Não, não, o nosso a preferência era mais um pouco, mais aquilo ali não deixava de fazer com que os outros fosse para os outros. “Para aonde vocês vão? Nós vamo para o Reis que tem a dama, não vamos para o da Bomba”, e depois eles iam. No nosso tinha vários personagens: tinha o boi, a dama, o tenente, o véi, o Jaraguá, o lobisomem, a burrinha... aquilo ali eles brincava naquele lado da Bomba, nós brincava por aqui por o Alto. No dia que eles brincava lá, nós não ia, ia lá pra Baixo; quando eles ia lá pro Outro Lado, nós ia pra Bomba; quando eles acabava primeiro que nós, eles ia tudinho pro Reis de nós. Sim, os grupo tinha respeito uns com os outros, não tinha discussão de nada! Nós fazia um trabalho bem feito, era bom, eu achava muito bom<sup>84</sup>.

Analisando as falas desses distintos senhores, onde tentam legitimar o porquê de suas festas serem melhores e mais chamativas para a população, o que notamos é que, para o senhor Mateus, o seu Reisado era mais aceito pela população devido ao fato de sua apresentação ser mais bem-feita na parte da Forma que, só lembrando, nos distintos Reisados apresentados no espaço sacoense, muitas coisas se assemelhavam. Uma delas é a divisão da festa, onde existia a Forma e a Ponta Forma. A Forma refere-se à apresentação dos personagens fazendo suas performances, enquanto a Ponta-Forma é a parte onde se reúnem os personagens, como os três caretas, para cantar as entoadas e fazer versos para os personagens seguirem a apresentação. Nesse sentido, *seu Mateus* coloca que o seu Reis era o melhor por causa da Forma, que era bem feita, e também porque os outros Reis, segundo o mesmo, não tinham os personagens Jaraguá e nem a Moreira.

---

<sup>83</sup> LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

<sup>84</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 05 de maio de 2016.

O senhor Neguim, perito em fazer a Ponta-Forma, era um artista prosador, poeta. O mesmo se legitimava como melhor por apresentar mais personagens que o do senhor Mateus, contrariando os discursos desse senhor em afirmar que os outros reis não tinham muitos personagens. O Reisado do *seu Neguim* possuía vários personagens, cada um com uma apresentação diferente do outro. Os dois Reis assemelham-se, dentre muitos fatores, por possuírem personagens como o boi, a burrinha, e o Jaraguá. Nesse embate entre discursos, cabe ao leitor tirar as suas conclusões.

Apesar de nunca ter assistido à festa realizada pelo o senhor Neguim e o seu grupo, as veemências com que o mesmo afirma a importância de sua festa e a performance da mesma, imaginamos que seja uma ótima brincadeira, mas posiciono-me a favor do reisado desenvolvido pelo meu avô, o senhor Mateus Pedro Leal, pois, quando criança eu não saía da casa de meu avô, na maioria das vezes eu sempre estava presente na hora da preparação do reis, via a confecção dos personagens e o tanto que os senhores do grupo trabalhavam duramente e com maestria para que sua festa agradasse o povo a sua volta, via e sentia as emoções com que eles cantavam e dançavam, o amor na qual tratavam seu reis.

Na hora que acabava a festa eu ficava esperando meu avô Mateus, sinto um grande orgulho por ele, logo, na hora que ele vinha trajado de Jaraguá eu morria de medo, mais quando ele baixava sua máscara para eu que sorria, eu simplesmente ganhava o dia, sempre me emocionei com aquele “velho danado” não queria que as outras crianças encostasse perto dele, pois, tinha muito ciúmes, quando acabava as apresentações eu ajudava a guardar as roupas e os personagens do reis, logo depois, saíamos sempre juntos, queria sempre estar onde meu avô estivesse, além de ser uma grande pessoa é um grande artista sou seu fã.

Outro ponto que quero chamar a atenção do leitor é que na fala do senhor Neguim, ele relata os lugares por onde o seu Reisado passou, tais como Alto, Outro Lado, Bomba e Baixo. Esses lugares fazem parte da geografia da cidade de Santana do Piauí. Atualmente, Alto representa o centro da cidade, principal local de sociabilidade, comércios, local onde se encontram a Praça São Pedro e a Igreja São Pedro. A expressão “Alto” foi dada mediante a geografia da cidade, composta por morros e depressões.

O centro da cidade fica em cima de um pequeno morro, onde, nas imediações do mesmo se encontra a Avenida Severo Maria Eulálio, local onde se situa a ladeira do Alto, responsável pela divisão entre Alto e Baixo, presentes nas memórias dos populares desde quando a cidade era o então povoado Saco do Engano. Essa designação fora criada pelo imaginário popular, como a antítese Alto-Baixo fosse referente à geografia da região, pois

Baixo é a parte mais baixa da cidade, ponto de extrema importância, pois liga o espaço santanense a Picos, sendo necessário o seu percurso, se o visitante ou morador pretender adentrar na cidade vindo naquele sentido.

O Outro Lado é termo de designação dos populares daquela região. O que vai definir o nome Outro lado é um riacho que corta esta parte da cidade, baseada nos pontos cardeais. Em relação ao Centro, esse lugar fica no Norte de Santana, é um ponto de divisas que liga a presente cidade ao Buriti, ponto turístico da mesma, e as diversas chapadas existentes fazem fronteira com a cidade de São José do Piauí. A Bomba é uma rua ligada ao centro e denominada Rua 15 de Novembro; porém, por caráter, os populares chamam-na Bomba. Inclusive até alguns populares que moram nesse local não sabem bem o porquê deste apelido, mas, segundo algumas pessoas acham que o nome é advindo após a perfuração de um poço artesiano onde após a perfuração estava faltando apenas a bomba, peça fundamental para dar partida a o motor para o dispersa mento da água para a comunidade, então algumas pessoas acham que esta nomenclatura surgiu por isso, Carvalho salienta que

“De acordo com as ruas que ligam os diversos espaços da parte urbana da cidade de Santana do Piauí, nota-se que as mesmas estão todas unidas pelo mesmo Bairro, o Bairro Centro. Entretanto, por se tratar de uma cidade jovem, emancipada politicamente no dia 29 de Abril de 1992, de Picos-PI, a sua população ainda apresenta uma grande resistência quanto ao aprendizado do nome de suas ruas, prevalecendo ainda às nomenclaturas dos tempos de povoado de Saco do Engano.”<sup>85</sup>

Essas nomenclaturas, Alto, Baixo, Bomba, Outro Lado, todos esses espaços estão localizados na parte central da cidade. Entretanto, não são os únicos apelidos que existem dentro do centro da cidade e nem abarcam todos os moradores da mesma, mas são estes os que possuem os seus espaços mais definidos, sendo, portanto, os mais lembrados. Assim como relata Pesavento, “Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as “verdadeiras”, as “reais” as “concretas” cidades em que vivemos”<sup>86</sup>. Mostrando que as relações desenvolvidas pelos moradores dentro da cidade possuem força para permanecerem vivas, mesmo com o desenvolvimento estrutural da cidade, como por exemplo, a construção de prédios públicos ou particulares em espaços com um significado sentimental para os moradores, mostrando que os laços culturais podem resistir ao concreto<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> CARVALHO, Levy de Moura. **Alto, Baixo, Pelados, Tombador, Cajazeiras e o Outro Lado: nomenclaturas, viveres e pertencimento na cidade de Santana do Piauí (1992-2015)**. Monografia. (Graduação em História) Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2015. P.32.

<sup>86</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

<sup>87</sup> Ibid.

Trabalharemos as falas do senhor Neguim juntamente com o seu grupo, nos discursos de tentar entender os motivos que levarão esses senhores a tentar apresentar a festa novamente na cidade de Santana do Piauí. Para isso, trabalhamos as falas de cada sujeito que compõem seu grupo, na vertente de disseminar seus apreços para com a festa no presente momento.

Enfocaremos o tempo presente para tentar legitimar seus espaços de atuação utilizados como resistência aos novos tempos, embasados pelas rotinas empregadas por vias capitalistas, onde mesmo assim, para estes senhores, essas vias não oferecem barreiras para a pretensão do grupo em apresentar novamente o espetáculo reiseiro.

Cabe ressaltar que, diferentemente do grupo do senhor Mateus Pedro Leal, onde praticamente boa parte dos integrantes já faleceu, restando apenas o referido entrevistado e o senhor Edmilson Antônio d Silva, vulgo *Bié*, no grupo do senhor Neguim quase todos os componentes estão vivos, a não ser o que fazia o personagem do lobisomem, o senhor João José Vicente. Os outros componentes, seu Antônio Araújo Feitosa, conhecido como *Antoin Augusto*, seu Manoel José da Rocha, conhecido popularmente como *seu Neguim*, seu Mateus Rodrigues Leal, o *Mateusim de Rimbuca*, José Raimundo Bezerra, vulgo seu *Zé Brabo*, ainda estão vivos e seguem firmes e fortes para apresentarem o Reisado e contarem suas histórias com o Reis.

Dessa maneira, para entendermos os desejos dos mesmos em apresentar a festa novamente e as suas falas, sempre em tons de progresso para com a tradição, onde tiram o espaço de atuação da brincadeira do passado e situam-na no presente, mostrando o seu valor, quebrando as barreiras impostas pelas novas culturas trazidas pela modernidade, se localiza o foco dos nossos estudos.

Para atingir este propósito, utilizei como metodologia alguns questionamentos que fiz durante as entrevistas que mexeram com os depoentes, a ponto de utilizar as suas falas para conduzir a defesa do ritual no tempo presente, questionamentos esses apresentados pela simples indagação se eles achariam que seria possível fazer a festa de Reisado com toda a intensidade e brilhantismo nos dias de hoje, assim como acontecia outrora, enfrentando esses novos tempos que se atrelam na cidade. A partir daí, situaremos os discursos dos mesmos nas suas afirmações de defesas e os porquês. Começaremos pelo dono do grupo, o senhor Neguim. Sobre a retomada da festa de Reisado, o entrevistado relata que

Eu quero fazer a festa novamente, porque nós tem chamado para a Várzea do Engano, para São José, Oco D'água...quero brincar no salão de Pedro aqui em Santana, e lá em Chiquinho de Lourenço na Cajazeira, porque o Reis é

uma coisa importante e hoje o pessoal gosta. Rapaz, eu fui brincar um Reis bem aqui nas *Abobras*, interior da cidade de Sussuapara, quarta-feira da Semana Santa deste ano(2016)...tinha gente que eu nunca vi daquele jeito não! oxente... como é que um lugar desse, bem aí do lado da pista, dá muita gente? Fiquei besta, aí foi que deu mais vontade de brincar! De encontrar dificuldade a gente encontra sim, o negócio e que hoje é cidade, nós vamos brincar numa porta de casa com um calçamento desse é ruim, você pode cair, boa é na terra. Hoje é que nas casas tem rádio, televisão, mais antes só escutava a toada do Reis, aquilo ali era uma coisa tão importante...mas isso não nos impede, nem tanto a nossa idade, porque Mateus ainda dava para fazer o Reis<sup>88</sup>.

Um ponto interessante no momento desta argumentação, foi que a mulher do referido senhor, a senhora Augusta, realizando seus afazeres domésticos e vendo seu esposo relatar sobre as dificuldades do Reisado nos dias de hoje e a sua vontade em colocar o mesmo para frente, com um tom bastante preocupada, a mulher chegou a falar que não tem Reisado em Santana do Piauí porque o povo não dá o valor necessário. Logo, seu marido a interrompe e retruca:

Não, dá valor demais Augusta! O povo aqui sempre deu valor e eles pagam bem, eles já pagaram, nós fumo chamado para fazer a festa bem aí em baixo, em *Chico do fumo*...esse *Fransquim de Lourenço*, quantas vezes ele já não esperou por nós lá nas Cajazeiras? Eles dão valor, mas ora se não!<sup>89</sup>

Como futuro historiador da cultura, um dos discursos mais envolventes e instigantes ao qual eu pude me sensibilizar foi a forma como a senhora Augusta se utilizou da sua fala para dar apoio ao seu marido, pois a mesma, indignada com a situação ao qual o município de Santana do Piauí se encontra, em total estado de abandono, jogado ao alheio, como se não existisse prefeito, nem vereadores para trazerem melhorias para a cidade. Esta senhora defende a prática do Reisado, de uma forma bastante politizada.

Se o partido de nós ganhar, meu filho, nós vamos formar um Reis, aí tu vai ver o que é coisa boa! Se Maria José de Nega ganhar eu sou doente das pernas, mais eu lhe garanto, eu vou ajudar ajeitar esse Reis bem aqui em Pedro de Perpétua, aí você vai ver o que é coisa boa!<sup>90</sup>.

Situando o leitor, nas eleições a serem realizadas neste ano de 2016, na cidade de Santana do Piauí, a senhora Maria José de Sousa Moura, mais conhecida como *Maria José de Nega*, juntamente com o candidato Francisco Borges, pelo PTB (Partido Trabalhista

---

<sup>88</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

<sup>89</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

<sup>90</sup> ROCHA, Augusta Maria de Carvalho. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

Brasileiro), pleitearão juntos. O candidato, mais conhecido como *Chico Borges*, concorrerá ao cargo de prefeito do município e a referida senhora como vice-prefeita, são dois candidatos que farão parte da oposição ao governo do prefeito atual, o senhor Ricardo José Gonçalves, do PMDB.

Voltando ao reisado, situaremos as falas de um personagem multifuncional do grupo do senhor Neguim, seu nome é Mateus Rodrigues Leal, mais conhecido como *Mateusim de Rimbuca*. Na cerimônia de Reis, *Mateusim* fazia tanto a apresentação com a dama, quanto com a burrinha, e ainda cantava na Ponta-Forma. Eu, particularmente, gostei de fazer as entrevistas com esse senhor pelo tom de seriedade com que fazia suas colocações. Logo, percebíamos a seriedade com que tratava o Reisado no entanto, quando começava a falar sobre a sua performance como dama, onde o mesmo fazia papel de mulher, envolvendo sempre as trocas de gênero no Reis, o senhor começava a rir, aquele riso bem extrovertido, até mesmo eu, enquanto, entrevistador, não conseguia ficar sério, sempre rindo de suas peripécias como dama. Quando O questionei se teria como fazer o Reisado assim como era antes, ele exclamava que sim! Mas, logo falava seus motivos em não fazer o ritual.

O reisado nos tempos de hoje dava pra se fazer sim, eu brinquei muito, pode acontecer, né? Eu já não interesso mais tanto porque eu já sou pai de família, já tou velho, também isso ali é bonito, é pra gente jovem, aquela brincadeira de dama, aí eu tenho minhas meninas que já não aceita eu brincar de dama, né? Se vestindo como mulher, aí a verdade é que eu brinquei muito, tenho vontade, ainda hoje eles tão brincando por aí, mais minhas meninas não deixa não eu brincar porque elas acham que ficam com vergonha. Já meu menino não incomoda não, aí pode até deixar se for uma representação pela cidade, se for por uma pessoa que tá correndo atrás da entrevista e conversar com elas, pedi pra deixar eu representar, pode ser. Pra mim agora, sem as ordens delas, sem o apoio delas, eu não entro mais não, né? Nem tanto a mulher, minha esposa, mais sim minhas filhas. O Reis é importante demais, mió que esses forrós de hoje, porque ali era coisa que vem da cabeça na hora, repente, poesias, as entoadas, as formas de dançar... você tem que acompanhar as deixas dos personagens. Era bom, por onde o Reisado passava, a história ficava<sup>91</sup>.

Nota-se, nesse viés, que seu *Mateusim de Rimbuca* é um homem muito atrelado a sua família, e que por mais que a festa de Reisado seja sua principal diversão, tal qual ele ressalta nas entrevistas, percebe-se a vontade do mesmo em prosseguir com o ritual; porém, os obstáculos impostos por suas filhas falam mais alto, até porque, hoje, com essas novas formas de culturas que se apoderam sobre a sociedade, em que a geração mais nova desconhece as tradições, símbolo do lugar, se o senhor Mateusim se apresentasse vestido como mulher,

---

<sup>91</sup> LEAL, Mateus Rodrigues. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de maio de 2016.

interagindo como mulher, levaria ao estranhamento em relação à população juvenil, onde muitos poderiam até tirar brincadeiras, piadas com ele, configurando-se este o principal motivo pelo qual suas filhas obstaculizam seu caminho para com o reis.

Voltando as atenções para outro personagem, de todos os entrevistados, a espontaneidade do seu José Raimundo Bezerra, o *seu Zé Brabo*, tornou a entrevista a mais agradável de todas. Todos os outros entrevistados se mostraram solícitos e gentis, no entanto, *seu Zé Brabo* se destacou pela animação, pelo carinho para conosco, até porque, na hora do trabalho de campo, ao me dirigir até a sua casa, localizada um pouco distante do centro de Santana, e depois de caminhar debaixo de um sol escaldante, cheguei ao local cansado e assustado, devido ter que fugir do cachorro que vinha em minha direção, a caminho da sua casa.

Ao chegar em sua casa, no horário do meio-dia, a sua família me recebeu, enquanto o mesmo estava dando comida para as galinhas. Quando perguntei se teria como eu fazer uma entrevista com ele sobre o Reis, o mesmo, bem-humorado e sorridente, me respondeu que sim. Fomos para a sala de sua casa, onde ele me apresentou o resto de sua família.

O curioso é que todos os seus filhos estavam assistindo televisão, mais precisamente ao programa de esporte. Quando *seu Zé Brabo* começou a falar sobre o Reisado, de repente eles desligaram o aparelho, foram chegando e sentando lado a lado do seu pai. Posteriormente chegaram os amigos que vinham das chapadas e as crianças, netas do referido senhor. Eu já estava me sentindo constrangido e envergonhado, pois sou tímido, e toda aquela gente ao redor dificultou o meu trabalho de fazer as perguntas. No entanto, quando o senhor começava a falar das suas peripécias como *véi*, personagem que o mesmo dava vida na apresentação do Reisado, todos a sua volta começavam a rir, pois alguns de seus filhos sempre o acompanhava quando pequenos, nos lugares onde eram realizados os Reisados. O ambiente estava muito agradável naquela casa, me ofereceram café, suco...de todos os senhores, *seu zé Brabo* se mostrava o mais entusiasmado em ver o Reisado novamente em Santana do Piauí, bem como enfatiza no relato abaixo

Dá pra fazer porque hoje o povo quer, tem um bucado de gente novo, mas esses novos também gosta da brincadeira, e os mais véi é que gosta! Se disser assim, vai botar um Reis, todo mundo vem. O Reis é importante meu fí, o Reisado trouxe a maior coisa pra mim, porque aí nós brincava, todo mundo ia assistir e todo mundo dava risada com a brincadeira. O reisado não tem nada de tristeza, é só alegria, tanto pra nós, brincalhão, quanto pros que tavam observando. A importância do Reisado para as gerações de hoje, eu não sei dizer porque o povo de hoje em dia dá valor é a cachaça, a imoralidade. De premeira, era mais queto, muitos hoje em dia que ir é pra um bar, beber cachaça, quer ir usar droga nos monturos. De premeiro você



podia andar em uma festa, em uma diversão assim, pra outro Reis, você não tinha a rapaziada caçando briga, provocando os outros. Hoje em dia, qualquer brincadeira que o caba vai é só pra beber cachaça, conversar besteira, ficar nos monturos arrojando as fias aleias, mas às vezes, com o tempo, com a brincadeira, o povo acostuma novamente e gosta, aí fica concordando em acompanhar a brincadeira. Eu espero que seja assim com nosso Reis, eu peço a Deus<sup>92</sup>.

Trabalharemos as falas do senhor Antônio Araújo Feitosa, mais conhecido como *Antoim Augusto*, para legitimar a apropriação do Reisado no tempo presente. É relevante falarmos que esse senhor, juntamente com *seu Neguim*, está criando e ajeitando os personagens para poder se apresentarem novamente. O referido senhor é uma das “molas propulsoras” para o desempenho da festa no referido tempo, pois, além de ser um renomado artista perante o grupo, é ele quem incentiva o senhor Neguim a não desistir e seguir com a brincadeira, tal qual era realizada antes. Nesse esforço de manter a tradição no tempo presente, enfrentando as adversidades culturais que cada vez mais se adentram na cidade, ele afirma:

Nós tamo com essas coisas aí, o boi, as duas caretas, eu não sei aonde tá a outra, deve tá bem na casas desses funcionários aí da prefeitura, onde pegaram pra guardar, mas num sei o que fizeram, deram fim, ou então deram pros fi brincar e dismantelar tudo, como coisa sem serventia. Eu já andei atrás desses objetos e nada, mas nós vamo ajeitar tudo, já falei com Neguim, nós vamo comprar os materiais pra ajeitar nosso Reis, pra nós botar isso pra frente. É bom, meu filho, aí quando você ver aquela multidão lhe apoiando, você fica mais contente. Eu sei que essa juventude de hoje é envolvida é com bebedeira, é com droga, ficam nos telefones, mais vamo caçar um jeito de arrumar nosso trezinho aí, aí eles vão se interessar porque o Reis, além de bonito, chama atenção por causa dos personagens, da dança. Nós cantava, se apresentava tão bem que ficava era gente chorando... e a emoção! Eu achava bonito demais a entoada, a entonação da sonfona... não sei porquê acabou essa brincadeira aí, por isso que temos que fazer as coisas direitinho pra brincadeira sair no jeito. Temos já vários chamados para a gente brincar ano que vem<sup>93</sup>.

Diante deste aspecto, para a estruturação deste capítulo, foram apresentados diversos discursos sobre o Reisado, tanto antes, em Saco do Engano, como na já emancipada cidade de Santana do Piauí. Trabalhamos os lapsos de memória dos distintos grupos de senhores sobre duas vertentes, ou seja, mencionamos as falas do senhor Mateus Pedro Leal, juntamente com o senhor Edmilson Antônio d Silva, em situar seus discursos e os porquês de apresentarem suas falas envolvendo o Reisado sempre ressaltando o tempo passado como referência para

<sup>92</sup> BEZERRA, José Raimundo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 13 de maio de 2016.

<sup>93</sup> FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.

estabelecer o seu local de atuação. Ao mesmo tempo, cruzamos informações sobre o sentido dos mesmos em afirmar que não teria como fazer novamente a festa nos dias de hoje, elencando vários motivos, dentre eles o medo de a população remanescente da cidade não aceitarem a sua arte, não acompanharem, e não darem atenção a uma das formas de cultura que, para eles, se tornou mais que uma simbologia, se tratando assim como um modo de vida, onde o Reisado estava cada vez mais inserido na vida das populações do povoado.

Em contraposição, trabalhamos os discursos do grupo do senhor Manoel José da Rocha, mais conhecido como seu Neguim, no sentido de trazer o Reisado para o tempo presente, oferecendo resistência aos novos tempos, embasados por novas temporalidades culturais, onde o mesmo, juntamente com seu *Mateusim de Rimbuca, seu Zé Brabo, e seu Antoin Augusto*, em suas falas, perpetuam discursos sempre voltados para o enraizamento do ritual no tempo presente. Diferentemente do grupo do senhor Mateus, eles oferecem resistência aos novos tempos embasados pela modernidade, veem que o Reisado pode existir e brilhar do mesmo jeito que acontecia antes, só que para isso, precisam do apoio de todos. Nas suas entrevistas, aparecem os desejos de que as populações remanescentes deem continuidade ao seu trabalho.

Nessa tríade temporal envolvendo passado, presente, e futuro, mais com atenção ao tempo futuro, envolvendo a festa de Reis, foi indagado ao senhor Neguim se eles teriam alguma estratégia ou alguma forma de criar essa festa com vistas a permanecer consolidada na cidade num tempo futuro, para que as gerações que virão deem valor, fazendo com que as mesmas possam se interessar pelo Reisado. O entrevistado disse que sim, e salientou:

Logo, logo, nós tamo brincando um, e aquilo ali é importante! A gente mermo e o povo do Outro Lado ajudando nós formar, mas rapaz, todo ele quer, sendo eu mais Antoin Augusto, e Mateus tando ajudando a organizar e apresentar é bom, incentiva mais. Se Mateus ficar com nós, aí sim! O povo vai ver o que é o Reisado! Vão se interessar mais, os mais novos vão ver o que é um Reis, depois disso não vão querer mais deixar de assistir! É capaz até de eles querer fazer também, Mateus toda vida foi meu amigo, um ótimo amigo!<sup>94</sup>.

Pela sua fala, percebe-se que a solução para que o Reisado cada vez ganhe mais espaço e aceitação pela população santanense está na união entre ambos os senhores, onde este coloca que se os dois grupos se unissem num conjunto só, aí sim o seu Reisado estaria mais forte e resistente, pois, devido à habilidade de cada senhor, uns em dançar a Forma, e outros em cantar na Ponta-Forma, seria um motivo a mais para a população, tanto os mais

---

<sup>94</sup> ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

velhos quanto os mais novos, gostarem cada vez mais do ritual e darem apoio aos mesmos, fomentando assim mais atenções dos representantes políticos para com a festa, atribuindo ações para incentivar e preservar a cultura que a cada dia se perde na cidade, por falta de apoio e interesse dos governantes locais e também por falta de interesse da população juvenil.

Na sua visão, dá-se a entender que o Reisado servirá como uma forma de chamar a atenção para os cuidados com a cultura do Município, incentivando assim, adultos e crianças a manterem o Patrimônio Imaterial e Material em constante preservação em seus meios, para que a geração seguinte possa sentir e desenvolver a tradição, mantendo a cultura viva no lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho, buscou-se analisar como era realizada a festa de Reisado em Santana do Piauí, ao passo que, para podermos falar sobre a festa na respectiva cidade, aguçamos nossos olhares às conjunturas temporais anteriores, retrocedendo ao ano de 1971, temporalidade esta onde o ritual reiseiro tinha todo poder de aceitação, onde emocionava e encantava as pessoas no povoado Saco do Engano, povoado que anos mais tarde, se tornaria o Município de Santana do Piauí. Mais que uma simples arte exercida por pessoas comuns, a festa, em todo o seu esplendor, inseria-se num contexto marcado por várias disparidades como conflitos entre pobres e ricos, relacionados à posse de terras, questões raciais entre brancos e negros, onde, segundo alguns participantes-vozes ativas desse trabalho, o Reisado desempenhado no povoado serviu como elo, como uma espécie de remédio para acabar com essas rivalidades, com os atritos, unindo as pessoas da localidade.

Posteriormente, trabalhamos a conjuntura de 2007 para mostrar o último ano em que o ritual esteve presente no solo santanense e onde situamos o caro leitor na problemática que gira em torno desse trabalho, levando ao desaparecimento do Reisado frente aos descasos dos governantes municipais que, munidos por discursos de preservação ao Patrimônio Material e incentivo à cultura local, acabaram desonrando os seus compromissos, gerando o desaparecimento da arte reiseira por negligências de cuidados para com a mesma, levando a falas de indignação e de “morte” do reisado na cidade, perante o grupo reiseiro e demais segmentos populacionais.

A pesquisa nos possibilitou entender como funcionava a festa de Reisado em Santana do Piauí, onde podemos entender como cada personagem era representado; as músicas que eram cantadas para a apresentação de determinado personagem; as danças e a indumentária do ritual que emocionava o público ao redor. Sentimos o universo mágico que rodeava a arte reiseira através dos discursos e falas emocionadas dos senhores que faziam a festa. Logo, o cerne desse trabalho se restringe à História Oral, “sentimos na pele” as mais variadas emoções, desde um simples sorriso de alguns deles na hora das entrevistas, até aquele olhar mais vago, mais distante, cheio de segredos e memórias, as quais não pudessem ser reveladas.

O trabalho também nos possibilitou a entender os discursos de “vida” perante a festa de Reisado frente aos novos tempos que surgem em Santana do Piauí, no sentido de mostrar a intenção de alguns senhores que pretendem novamente organizar o ritual e apresentar na cidade, no intuito de chamarem a atenção dos governantes locais para a preservação da cultura, com respaldo na sua importância para o Município. Os mesmos, através de muita

força de vontade, além da indignação com a situação a qual a cidade passa, completamente abandonada pelas forças públicas locais, veem na festa de Reisado a chance de mostrarem sua arte e incentivarem a população, as gerações mais novas a se interessarem pela festa de Reis e ajudarem a manter a tradição viva na cidade; trabalham com os discursos de vida perante a festa como resistência aos tempos modernos, que cada vez mais dilacera as tradições antigas na cidade.

## REFERÊNCIAS

AGRA DO Ó, Alarcon. **Velhices imaginadas**: memórias e envelhecimento no nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945). Recife, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da performance ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina – Bahia). In: TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: editora 34, 2000.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.) **Memória e (res) sentimento**: indagação sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CADDAH, Laila Ibiapina. **Tradições e invenções no reisado de mestre Branquinho, na comunidade Boquinha, zona rural sudeste de Teresina**. Disponível em: [actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT29/GT29\\_IbiapinaCaddah.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT29/GT29_IbiapinaCaddah.pdf). Acesso em: 10 de jan. 2017.

CARVALHO, Levy de Moura. **Alto, Baixo, Pelados, Tombador, Cajazeiras e o Outro Lado**: nomenclaturas, viveres e pertencimento na cidade de Santana do Piauí (1992-2015). Monografia. (Graduação em História) Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. **Dicionário do Folclore Brasileiro II**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1969.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KI-ZERBO, Joseph, 2. Ed. História geral da África: Metodologia e pré-história da África. 2010. UNESCO, Brasília.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela (Org.). **História e Historiografia**: perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia, 2003.

MOTT, Luiz R.B. **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

PONTES, Márcio de Araújo. **O Drama em Si: histórias e memórias de mulheres dramistas nas comunidades de Tucuns, Pindoguaba e Poço de Areias em Tianguá-Ceará**. Fortaleza: Secult, 2011.

SANTOS, M. A.; ROCHA, M. S.; ROCHA, A. S. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VIEIRA, Irisvaldo de Carvalho. **O Piauí em Municípios, guia geográfico, por Irisvaldo de Carvalho Viera**. 1. Ed. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda.

## FONTES

BEZERRA, José Raimundo. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 13 de maio de 2016.

FEITOSA, Antônio Araújo. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de junho de 2016.

LEAL, Mateus Pedro. **Entrevista concedida a João Mateus**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 23 de janeiro de 2016.

LEAL, Mateus Rodrigues. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 12 de maio de 2016.

NETO, Ivane Benícia Leal. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 22 de dezembro de 2016.

ROCHA, Augusta Maria de Carvalho. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

ROCHA, Flávio leal da. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 20 de junho de 2016.

ROCHA, Manoel José. **Entrevista concedida a João Mateus leal**. Santana do Piauí (PI), 06 de maio de 2016.

SILVA, Edimilson Antônio d. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (PI), 11 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a João Mateus Leal**. Santana do Piauí (Pi), 30 de janeiro de 2016.





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, João Mateus Seal,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
"Alegrria em nome da rainha e falia em nome de rei!"  
História, memória e sensibilidades na Folia de Reis de Santana do Piauí  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 (1973-2007)  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 24 de Abril de 2017.

João Mateus Seal  
 Assinatura

João Mateus Seal  
 Assinatura